

PETROBRÁS
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MEMÓRIA DA PETROBRÁS

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL

OLIVEIRA, Geraldo Silvino
de. Geraldo Silvino de Oli-
veira (depoimento; 1988).
Rio de Janeiro, CPDOC/FGV
- SERCOM/Petrobrás, 1989.
75 p. dat. ("Projeto Memó-
ria da Petrobrás")

Geraldo Silvino de Oliveira
(depoimento)

Proibida a Publicação no todo ou em
parte; permitida a citação.
Permitida a cópia xerox.
A citação deve ser textual, com
indicação de fonte.

Esta entrevista foi realizada na
vigência do convênio entre o
CPDOC/FGV e o SERCOM/Petrobrás.
É obrigatório o crédito às ins-
tituições mencionadas.

ficha técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistadores: Maria Ana Quaglino e
Plínio de Abreu Ramos

levantamento bibliográfico e roteiro: Maria Ana Quaglino
e Plínio de Abreu Ramos

conferência de transcrição: Maria Ana Quaglino

sumário: Maria Ana Quaglino

texto: Arthur Silva Pinto da Rocha

leitura final: Maria Ana Quaglino

técnico de som: Clodomir Oliveira Gomes

datilógrafa: Márcia de Azevedo Rodrigues

local: Santos-SP.

data: novembro de 1988

duração: 3 h e 30 min

fitas cassete: 4

páginas datilografadas: 75

SUMÁRIO

Entrevista: Origem camponesa dos pais; a infância em Campo Redondo na divisa entre São Paulo e Minas Gerais; a vinda para São Paulo em 1939 com a família ainda adolescente; os primeiros empregos e a profissionalização como gráfico durante a Segunda Guerra; os primeiros contatos com o Partido Comunista em 1945; adesão ao Partido; a separação dos pais e a ida para Santos; atuação na Campanha do Petróleo em Santos durante o governo Dutra; a morte do companheiro Deoclécio Santos; militância política na Juventude Comunista em Santos; sua primeira prisão durante a campanha contra a Guerra da Coréia; entrada para a clandestinidade como funcionário do Partido Comunista; a ida para a União Soviética e o curso de sindicalismo; os colegas Maurício Grabois e Jacob Grender; o clima na União Soviética logo após a morte de Stalin; a divulgação do relatório Kruschchev; a posição do Partido Comunista e de Carlos Marighela sobre a questão do petróleo; a viagem a China em 1956 contra a vontade dos soviéticos e da direção do Partido Comunista do Brasil; a condenação pelo Comitê Central e a volta ao Brasil; o retorno a Santos e mais uma desilusão com o Partido; o concurso para a Petrobrás em 1958; a escassez de informações sobre o Brasil durante o curso na União Soviética; impressões sobre a China dos anos 50; a organização do sindicato dos petroleiros; a origem profissional dos primeiros empregados da refinaria; tratamento dispensado a eles pelos dirigentes da refinaria; a saída da clandestinidade e a entrada para a Petrobrás; a retomada de contatos com o Partido enquanto trabalhador na refinaria no período de organização do sindicato; a Associação Profissional dos Empregados da Petrobrás; a fundação do sindicato e o acordo de neutralidade com Janary Nunes; o surgimento do sindicato de Mataripe; as relações entre os sindicatos de Mataripe, Cubatão e Mangueinhos; o contato do sindicato com Juscelino Kubitschek e João Goulart durante o governo JK; a autonomia da Petrobrás nas negociações com os sindicatos no final dos anos 50; as disparidades salariais entre as diversas unidades da empresa e a equiparação a nível nacional no governo João Goulart; a composição dos associados ao sindicato; a posição dos engenheiros frente ao movimento sindical e na empresa; a transformação da associação em sindicato em 19 de dezembro de 1958; as primeiras tarefas organizativas do sindicato e sua atuação nos três primeiros anos; a atitude refratária dos engenheiros com relação ao movimento sindical; a luta pela conquista das seis horas de trabalho em 1961: o ponto alto do movimento; a manutenção desta conquista trabalhista em Cubatão depois de 1964; a tradição sindical de Santos; a criação do Fórum Sindical de Debates de Santos: sua importância para o movimento sindical na Baixada Santista e seus objetivos; a motivação diversa da greve de 1961 em Mataripe e Cubatão; a interferência dos sindicatos na escolha

de Francisco Mangabeira; a gestão de Mangabeira na Petrobrás; a indicação de nomes pelo sindicato; a idéia de co-gestão; os inconvenientes da co-gestão para o desenvolvimento pleno do movimento sindical; a pequena participação dos sindicatos nas Comissões Parlamentares de Inquérito, da Câmara no final dos anos 50 e início dos anos 60; a pouca eficácia destas Comissões; a inexpressiva repercussão do escândalo de Roboré no meio sindical; ascensão e declínio do movimento sindical (1960-1964); o movimento contra a Instrução 204: uma decisão mais a nível das lideranças sindicais; o movimento de força política dos sindicatos (1962-1964); a "Operação Facão" na Refinaria de Cubatão na gestão Irto Sardemberg: a atuação de Cláudio Godinho e Aldo Zucca no episódio; a demissão de Cláudio Godinho na gestão do comandante Carlos Alberto Zavataro; as nomeações para postos-chave da Petrobrás; os nomes indicados e as vantagens da estratégia; as relações entre os sindicatos e a empresa na gestão Albino Silva; o apoio do sindicato a nomeação do general Osvino Silva; a atitude de descaso dos sindicatos frente a ameaça do golpe; o encontro com João Goulart às vésperas do golpe; os acontecimentos na Refinaria de Cubatão no dia do golpe: informações equivocadas pelo rádio, as instruções do general Osvino, a resistência e a rendição; o encontro secreto dos sindicalistas após a consumação do golpe: a decisão de fugir; os interventores da refinaria; a fuga de Santos para São Paulo; o apoio devido do Partido Comunista; a trajetória de 1964 a 1969: as duas prisões, a fuga da auditoria no dia do julgamento e os meios empregados para se manter e a família; a nova identidade: Flávio Lopes; o episódio do interrogatório dirigido pelo major Erasmo Dias; o teor negativo de depoimentos de ex-companheiros durante o processo; o episódio da saída do superintendente da Refinaria Otto Martins Lima em maio de 1962; as vantagens do recebimento da periculosidade ao invés da insalubridade; o incêndio na Refinaria de Cubatão em 1958; comparação entre o movimento sindical nos anos 50, início dos anos 60 e hoje; o crescimento do movimento sindical a partir de 1975: as táticas de pressão utilizadas no passado, o surgimento da CUT; duas concepções sindicais em confronto: a estratégia da CUT e da CGT; a eleição para o sindicato dos petroleiros em 1988; balanço dos sindicatos dos petroleiros filiados a CUT; a eleição para vereador em 1982 pelo PMDB; o novo pleito de 1988: a permanência na legenda do PMDB e o insucesso de sua candidatura; o porquê de sua candidatura; o porquê de não ter sido eleito com os votos dos filiados ao sindicato; o novo relacionamento com o "Partido"; a precariedade dos quadros de massa do PCB e o preconceito do brasileiro contra comunistas; crítica as duras exigências impostas pelo PCB aos seus militantes; o preconceito do operário contra o comunista; os perigos de

retrocesso político; o episódio recente de Volta Redonda; a necessidade de organização popular contra o arbítrio das classes dominantes; a avaliação da vitória do PT nas eleições municipais de 1988; a situação dos demais partidos; o lugar do PT na política brasileira: sua composição, o fenômeno do voto contra o status quo e as possibilidades de cumprimento das promessas de campanha; relação entre o eventual fracasso administrativo do PT e os intentos golpistas da direita; a grande problemática das revoluções de nosso tempo: como se manter no poder; a eleição direta para presidente da República: transição e prognósticos; as perspectivas para o movimento sindical e as diretrizes para o seu avanço; crítica contra a campanha a favor da privatização das empresas estatais; o apoio militar contra a privatização no caso da Petrobrás; defesa da presença do Estado nos setores essenciais.

Entrevista: 22.11.1988

M.Q. - Sr. Geraldo, nós gostaríamos de começar a nossa entrevista perguntando sobre a sua família, onde é que o senhor nasceu, os seus primeiros anos, as suas origens.

G.O. - Para quem tem 61 anos de idade voltar às origens, à infância, é uma coisa muito difícil. Mas o nosso cérebro é uma máquina maravilhosa que guarda dados que até o computador não consegue guardar. E, precisamente quando você me faz a pergunta - suas origens, a sua família - eu volto ao tempo e vejo um pequeno sítio na divisão de São Paulo e Minas, chamado Campo Redondo, onde nasci. Na roça. Filho de pais camponeses. Vejo o meu pai com uma enxada na mão cavando a terra, plantando batata, feijão, milho. Enfim, a vida do camponês pobre para dar de comer aos seus filhos. Realmente, minhas origens são camponesas. Mas aos 14 anos, aproximadamente, a curiosidade me levou à grande cidade. Como é que eu comecei a querer ir para a grande cidade? Certa tarde, subindo numa determinada montanha, um lugar alto do sítio, vi as luzes da cidade ao longe. Então, a curiosidade do menino pobre, camponês, estudando numa escola rural as primeiras letras, foi despertada. Um belo dia fui à grande cidade e vi o trem de ferro. E, posteriormente, os meus pais, camponês pobre, mãe trabalhando nos afazeres da casa e da roça, duas irmãs também ali naquela miséria de um barraco de pau-a-pique, e lá fomos nós para a grande cidade de São Paulo. Era o atrativo de todas as pessoas que viviam naquela miséria nos campos, não só de São Paulo, mas de todo o Brasil. E a viagem de trem, a curiosidade do menino, e lá estou eu na grande São Paulo. E, de repente, perambulando daqui para ali atrás de empregos esparsos, ora até entregando marmita em pensões, ora vendendo doces no

campo de futebol, ora até catando papel para ajudar no sustento da casa. E o pai, como camponês, só teve um trabalho, abrir valetas do DR e se atolar até a cintura naquelas águas fétidas dos esgotos que se iniciavam na grande capital de São Paulo.

M.Q. — Sr. Geraldo, desculpe-me tirá-lo das suas reflexões, mas gostaria de saber, precisar mais ou menos quando é que foi isso. O senhor está me dizendo que foi a família inteira, não é?

G.O. — Isso foi nos idos de 1939. Quando tínhamos já os sinais da guerra que se aproximava no nosso país. Certo? Idos de 39 que viemos para a grande capital. E aí é que começa o meu contato com o trabalho propriamente dito.

M.Q. — Mas seu pai também vem junto?

G.O. — Viemos todos. Eu, meu pai, minha mãe e a minha irmã.

M.Q. — Abandonaram o sítio?

G.O. — Abandonamos o sítio.

P.R. — Era de sua propriedade o sítio?

G.O. — Não. O sítio era arrendado. Era uma espécie de meia. Meu pai era um meeiro. Trabalhava a terra dos outros, plantava e depois dividia.

M.Q. — Ainda uma pergunta. Seus pais eram dali mesmo daquela região? A família descende da...

G.O. — É. Meus pais eram da região. Meu pai de origem mineira e minha mãe de origem espanhola. Meus avós vieram para o Brasil como imigrantes e se instalaram lá naquela região.

P.R. — E essa localidade de Campo Redondo é distrito de alguma cidade importante?

G.O. — Era distrito de Divinolândia. Fica precisamente, hoje, entre Divinolândia e Poços de Caldas. É naquela região da serra da Mantiqueira.

P.R. — É na divisa de Minas com São Paulo, não é? Mas ficava em território paulista ou território mineiro?

G.O. — Onde eu nasci fica em território paulista.

Então, aí vem São Paulo. E nesta coisa desses empregos, eu caí numa fábrica de grampos. O que eram os grampos? Antigamente havia as polias das máquinas, não é como hoje, mas as polias eram de couro e tinham uma emenda. Então, aqueles grampos que emendam a tira de couro eram muito usados. Existiam fábricas próprias. Uma pequena manufatura. Ali é que eu tive os rudimentos. E trabalhando nesta pequena fábrica e estudando já, à noite, no curso chamado Propedêutico, um negócio assim, na Associação Cristã de Moços, fui adquirindo os primeiros conhecimentos. E veio a guerra e nestas alturas eu já saíra da fábrica de grampos e entrara numa gráfica como entregador de pacotes. Moleque franzino e tudo. Comecei como entregador de pacotes, numa gráfica. Posteriormente, passei a ser margeador das litográficas. Porque tudo naquele tempo era litografia. Depois de margeador, passei a trabalhar como ajudante de impressor. E, finalmente, já após uns anos, passei a ser impressor. Isto tudo na capital de São Paulo.

Vem a guerra, acompanhei tudo aquilo. Há o retorno dos pracinhas, me entusiasmei com os desfiles, aquela festa toda, nos idos de 45. E... interessante, não sei porque, já me revoltava a miséria, os acontecimentos, e daí passei ao contato com pessoas que eram militantes do Partido Comunista. A greve dos ferroviários da Sorocabana me atraiu, porque eu trabalhava próximo, numa gráfica pró-

xima da Estrada de Ferro Sorocabana, numa rua chamada Duque de Caxias, em São Paulo, e dali é que eu fui atraído para movimentos de arrecadação de dinheiro para os grevistas, no centro de São Paulo, precisamente na rua Direita, Largo da Misericórdia. É aí que eu entro realmente em contato com o movimento operário mais organizado.

P.R. — Silvino, deixa eu fazer uma pergunta, então, interrompendo. Você começou a vida, realmente, como gráfico, não é? O gráfico é uma categoria profissional muito politizada. Esse fator influenciou na sua politização?

G.O. — Ah, demais. Porque o gráfico, tudo que ele vai imprimir, ele tem que ler. E acaba lendo até o que ele não vai imprimir. O hábito da leitura influenciou profundamente na minha formação. Não só sindical como política. E, curiosidade, o que mais influenciou na minha vida, na minha decisão política, foi um livro do Máximo Gorki, A mãe. É coisa impressionante. Ao ler aquele livro, ao ver aquelas greves descritas no livro, ao ver o próprio problema da mãe preocupada com o filho na greve, não sei porque cargas d'água, eu me senti como se fosse um daqueles. Coisas que nunca saíram da minha cabeça, essas lembranças.

M.Q. — Deixa eu lhe perguntar uma coisa. Esse período é um período também de ditadura, não é? Nós estamos no Estado Novo.

G.O. — Não. Este período já de 1945 é o período da abertura democrática no país, legalização do Partido Comunista. E nesta coisa toda eu sou levado, pelo meu chefe... Coisa interessante... Meu chefe da oficina gráfica me levou para uma reunião do Partido Comunista, que não era ainda bem a própria reunião, era uma espécie de comitê popular que fun-

cionava dentro da própria sede do Partido. Quer dizer, aquelas pessoas que eles queriam trazer para dentro do Partido, primeiro passavam por aquele comitê popular. Estavam ali as pessoas que não eram da célula. Eram apenas amigos, festas e coisas mais suaves. Depois acabei entrando na célula do Partido Comunista, precisamente no bairro de Santa Efigênia, que era próximo onde eu trabalhava, e era mais próximo do ambiente que nós nos relacionávamos.

Houve, nesse meio tempo, um pequeno problema familiar. Meu pai fracassou no seu trabalho, porque a miséria do salário era muito grande, e a família, já morando todos num quarto... Ele acabou se separando da minha mãe. Minha mãe veio para Santos com uma tia e eu acabei ficando em São Paulo, temporariamente. Meu pai voltou para a roça. Minha mãe veio para o litoral. Aí, eu acabei não aguentando aquela vida sozinho, num porão de pensão, e resolvi vir para Santos trabalhar numa gráfica. Arrumei emprego na tipografia Minerva, na Praça Mauá, e entrei diretamente para o sindicato. Passei a participar, neste período, da Campanha do Petróleo. Aquela luta toda do período 48, 49. E isto acaba me levando a perder o emprego. Porque, incrível, houve a abertura, depois houve o fechamento. Este período já era a ditadura Dutra que caiu pesado em cima da própria Campanha do Petróleo, apesar da Lei 2.004 ter vindo, posteriormente, nós tivemos que retroceder na própria Campanha. Em Santos tivemos mortes.

Eu me recordo de um companheiro meu, Deoclécio Santana que morreu aqui na Bacia do Macuco, bem próximo daqui, num tiroteio com a polícia. Um pracinha da FEB, Aldo Ripazarti, foi condenado. Eu consegui me esconder uns dias e sair ileso desse episódio. Mas, a partir dali, já começa

a ficar restrita a minha vida na cidade, em consequência desses acontecimentos. E vem então, para encurtar, a campanha da paz, a guerra na Coréia, assinaturas contra a bomba atômica, e a gente metido nisso também. Trabalhando já, não numa gráfica grande, mas numa pequena gráfica de fundo de quintal. E aí, acontecem essas coisas.

Certo dia, eu vou entregar uns folhetos sobre a Guerra da Coréia a uns companheiros meus, jovens também... Porque nessas alturas, eu já passava a pertencer aos quadros, embora do Partido Comunista, mas cuidava da Juventude Comunista, que se estruturava em Santos. E então, eu dei aqueles folhetos para eles distribuírem, que alguém me dera, não me recordo agora quem foi, e esse pessoal acabou sendo preso e não resistindo às pressões existentes na época, acabaram contando quem lhes dera os folhetos. E eu, trabalhando na própria gráfica, sou surpreendido com a Polícia Marítima invadindo a gráfica de fundo de quintal, cujos donos nada tinham a ver com o problema. Mas não quiseram saber, destruíram tudo, e lá vou eu, pela primeira vez, preso. Então, ali na rodoviária, onde vocês desceram, tem a cadeia velha.

M.Q. - Vimos.

G.O. - Ali, no canto do fundo, à direita de quem olha, está a cela onde eu fiquei pela primeira vez. Chorei como criança pequena, me senti profundamente triste ali dentro, sozinho. Então, fui tirado por um advogado, habeas corpus. E aí, o Partido achou por bem, como eu já não tinha mais aonde arrumar emprego - porque Santos uma cidade pequena - o caso foi para os jornais da cidade, e estava eu na rua da amargura. O Partido achou por bem me mandar para São Paulo. E eis que eu entro num período de vida clandestina

como um funcionário do Partido Comunista. E de São Paulo, lá vou para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro passei uma longa data numa atividade clandestina. Mas interessante é que a gente aguentava tudo por um ideal. Embora, às vezes até deformado, nós éramos censurados, não podíamos ter... Eu era jovem, era moço, a gente não podia ter certas relações, até sexuais, não é? [riso] É coisa difícil. Comunista tem que agüentar tudo. E tudo mais. E daí, um belo dia, recebo eu uma missão, que era missão de honra: estudar na União Soviética. E aquilo para mim foi talvez um dos grandes sonhos, não é? Porque a gente, naquela juventude, falava a pátria mãe, não é isso? A mãe pátria aonde tem pão e rosas nas mesas, à vontade. E, passaporte falso, e um navio italiano, e lá estava eu a caminho da Europa. E depois, a caminho da União Soviética, de trem. E lá, dois anos de estudos na... o que eles chamam da "Vishipartine, Escol"* da URSS, e estudei economia política, filosofia, marxismo, geografia, história, matemática. Porque para entender bem o próprio Capital você tem que conhecer um pouco de matemática, e não basta as quatro operações, não basta aquela coisa do ginásio, e nós tínhamos pessoas que nos ensinavam matemática. E até professores brasileiros. Eu muito aprendi, e muito não posso deixar de recordar, de alguns companheiros meus, alguns já se foram. Por exemplo, Maurício Grabois. Uma pessoa fabulosa, estudamos juntos. Outros que resolveram seguir outros caminhos também. Jacob Gorender. Jacob Gorender foi quase como um segundo professor meu. Porque nós, vindo dessa vida muito praticista, não estávamos

* Sujeito a confirmação.

familiarizados com os estudos superiores. Então, os soviéticos metiam tudo aquilo na cabeça da gente, uns professores, de certo modo, burocráticos. Porque a burocracia, naquele tempo, era muito arraigada, na União Soviética...

M.Q. - Que momento era esse?

G.O. - Foi em... na década de 1950.

M.Q. - Antes da morte de Stalin?

G.O. - Não. Stalin já tinha morrido. Estava o Krushev. Logo em seguida. Nós nos encontrávamos, no meio do curso mais ou menos, quando saiu o famoso relatório Krushev. Era muito rígido. E o Jacob Gorender é que nos ajudava a interpretar, principalmente O capital, e outros conceitos filosóficos deles.

M.Q. - As aulas eram dadas em russo?

G.O. - Eram dadas em russo. Traduzi...

M.Q. - O senhor aprendeu rápido, então, está vendo?

G.O. - ... E traduzidas para o espanhol. E depois a gente acabou absorvendo diretamente, quase já na segunda etapa do curso. Mas mesmo assim, precisava alguém do Brasil para nos ajudar.

M.Q. - Eu queria perguntar o que o senhor sentiu nesse período, exatamente quando saiu o relatório. As mudanças se fizeram sentir dentro do... ali do seu...

G.O. - Olha, inicialmente, a gente não acreditava. Quase todos nós achávamos que aquilo era uma provocação da imprensa ocidental. Porque nós mesmos acabamos não... No início, ninguém nos dava a mínima satisfação daquilo. Os próprios jornais soviéticos, Pravda, Izvestia, Trud pouco falavam do relatório. Porque era um negócio... relatório

secreto, certo? Nós só viemos tomar ciência do teor do relatório através de um companheiro que veio, passou na Itália e pegou lá o relatório, ainda escrito em italiano. Coisa interessante. Aí, a gente forçou um pouco a barra junto aos soviéticos e aos dirigentes do Partido... Principalmente um personagem famoso aqui no Brasil, porque ele era o responsável pelas questões brasileiras, um tal de Siva Lobof. Siva Lobo. O verdadeiro nome dele era Siva Lobof. Mas nós apagamos... acabou o Brasil... O Siva Lobo. Alguns passaram a chamá-lo de Silva Lobo. Mas o nome do russo era Siva Lobof. Hoje eu considero que ele, como marxista, como até comunista, era um fracasso, para o nosso gosto. Não tem nada a ver com o socialismo, o comunismo na União Soviética. Isso é outra história.

P.R. — O Silvino! O Lobo não foi aquele que casou com a Henda?

G.O. — Não. Aquele é o Guilherme Lobo. Não é bem Guilherme Lobo. O Lobo que casou com a Henda... Henda, por sinal, moça bonita, uma senhora já, linda! Filha de uma personalidade do Rio de Janeiro, não é...

P.R. — Eu não lembro disso, de quem era.

G.O. — É. Henda era filha do... Eu não sei se era o embaixador, qualquer coisa do estilo. E a Henda era uma... E o Lobo era o dirigente da Juventude Comunista. Era o presidente da Juventude Comunista. Não é isso? Não tem nada a ver com esse Siva Lobo. Não. E, por sinal, esse Lobo sumiu na estrada. Ninguém sabe aonde anda. Se morreu ou se está vivo. Eu nunca mais o vi. Eu soube que ele abandonara tudo em consequência da desilusão trazida pelo relatório do Krushev. Mas daí, a gente acabou voltando

para o Brasil. Eu voltei, inicialmente fui trabalhar na Imprensa Popular, ali na Cinelândia. Não sei se está lembrado. A Imprensa Popular era por ali. Não sei. Rua Álvaro Alvim, Artur Alvim. Coisa desse tipo. Num terceiro ou segundo andar de um prédio velho, ali.

M.Q. — Sr. Geraldo. Eu queria voltar um pouco atrás. Porque o senhor está contando essa história, mas eu estou com uma questão na cabeça. É exatamente sobre esse período antes, sobre o período que o senhor entra para o Partido, o Partido está na legalidade. Como é que o senhor via a questão das posições do Partido com relação à questão do petróleo? Porque a gente sabe que o Carlos Marighella apresentou projetos na Câmara que previam uma solução para o petróleo ainda não estatal. E aí, eu queria saber. Como é que isso era discutido? Como é que surgiu essa coisa do monopólio estatal? E como é que isso foi colocado dentro do Partido?

G.O. — Eu confesso a você que no Partido pouco ou nada se discutia, e às vezes até se evitava discutir esse problema da postura do deputado Marighella em relação ao petróleo. Eu, sinceramente, não me recordo de discussões nossas em torno desse problema. Não sei se isso te satisfaz ou você quer tentar tirar mais alguma coisa de mim. [riso]

M.Q. — Não era uma questão, uma postura individual dele, então?

G.O. — Eu até acredito que era um pouco individual dele. Porque, no geral, o Partido Comunista foi o impulsionador da Campanha do Petróleo. Teve os seus mártires na Campanha do Petróleo, os combatentes mais ativos do Partido foram no petróleo, o Partido se fortaleceu com a própria Cam-

panha do Petróleo. Então, por que o Partido iria, naquele momento discutir a postura do Marighella? Eu até acho que a grandiosidade passiva e de massas que envolveu o povo brasileiro na Campanha do Petróleo...

[FINAL DA FITA 1-A]

G.O. - ...Tem certeza?

M.Q. - Absoluta.

G.O. - Bom. Então, o que é que você queria dizer mesmo?

M.Q. - Estávamos conversando a respeito da posição do Partido com relação à Campanha do Petróleo.

G.O. - Bom. Então, eu tinha dito a você que, sinceramente, essa questão não era um assunto de discussões dentro do Partido, naquele então. Muito menos no meio da Juventude, porque o Partido era parte integrante de todo o movimento de o "Petróleo é Nosso", no qual não só impulsionava o movimento, como também o próprio movimento forneceu ao Partido vários quadros que vieram a ser da militância comunista.

Então, voltando à União Soviética, eu fui para lá fazer esse curso que eu já falei para vocês, e, aproximadamente, em 1954, por aí, eu voltava ao Brasil. E recebi algumas missões do Partido...

M.Q. - Ficou quanto tempo fora? Dois anos?

G.O. - Fiquei dois anos fora. Então, eu recebi algumas missões do Partido. Inclusive missões de ordem internacional. Porque nessa época eu falava muito bem o russo, lia e traduzia, escrevia razoavelmente, então, o Partido me incumbiu de umas missões desse tipo.

Em 1956, aproximadamente, eu fui incumbido de levar um documento à União Soviética. Já daquelas mudanças daquelas coisas todas. E aí, eu lá chegando, entreguei o documento, expliquei aos elementos do Partido que eram incumbidos da América Latina e do Brasil. Por uma dessas coisas que acontecem, não estava programado, mas aconteceu, eu me encontro no Teatro Bolshoi com chineses, que eu conhecera aqui no Brasil, e que estavam na embaixada soviética da China, no Brasil. Depois, no Brasil, houve aquele rolo todo, e foram embora. E ficaram na embaixada chinesa, na União Soviética. E aí, eles me convidaram para ir à China. E eu falei para o soviético lá, disse: "Olha, eu vou até a China." Mas nessas alturas, estava aquela briga entre os chineses e os soviéticos. Eu já estava meio, desculpe o termo, puto com uma série de coisas, e aí, eu disse: olha, quer saber de uma coisa? Eu vou! Aí, cheguei para o soviético e disse: "Olha, eu estou de malas prontas para ir para a China." "Não. Você recebeu a tarefa de vir aqui entregar esse documento do Comitê Central, receber o nosso parecer e voltar." Eu disse: "Olha, já não dá mais. Está tudo aí, pronto. Passaporte, passagem de avião." Então, lá vou eu para a China. Contra a vontade do soviético. E fiquei na China dois meses. Visitando, conhecendo, vendo aqueles problemas dos chineses. Porque os chineses também tinham interesse no Brasil. Havia no Brasil nessas alturas o grupo dos chineses. Eu não tinha nada a ver com esse grupo. O que eu sei é o seguinte: quando eu voltei da China, que eu desci em Moscou, no aeroporto lá, estava lá o soviético me esperando, eu não tive nem tempo de ir para o hotel para tomar um banho. [riso] Ele disse: "Eu recebi instrução para você

voltar imediatamente para o Brasil. Mas você vai para a Tchecoslováquia. Lá está te esperando um elemento." Quando cheguei estava lá um elemento do PC, do Comitê Central, que era, na Tchecoslováquia, era o... E aí, o cara me deu um puta, desculpe o termo, esporro. "Você cometeu uma indisciplina séria." E por mais que eu explicasse para o companheiro, e tal, que não tinha nada disso, eu não pude nem parar para descansar. E lá estava eu de volta ao Brasil. Cheguei, dei conhecimento, num ponto de contato que a gente tinha, que já tinha voltado, que eu estava trazendo novecentos dólares que o Comitê Central da União Soviética tinha mandado para o Partido. E mais a resposta daquele documento e tal. E aí, demorou, demorou, demorou, demorou, passou quase uma semana, não aparecia ninguém no local que era para eu receber qualquer instrução. Depois de um tempão me aparece uma senhora, chamada Zuleika Lamberti.

P.R. — A mulher do Armênio?

G.O. — A mulher do Armênio Guedes, Mulher, não. Amiga do Armênio Guedes. Companheira do Armênio Guedes. Aliás, pessoalmente, eu gosto muito do Armênio Guedes. Um cara fabuloso e tal. Não sei qual é a posição dele hoje, a nível partidário.

Bom. Aí, ela me disse: "Olha. Tua situação está preta. A executiva do Comitê Central está estudando o teu caso. E o que é que você trouxe de lá?" E eu disse: "Olha, está aqui. Trouxe isso, isso... Está aqui esse envelope." Ela levou. E marcou lá um ponto comigo num determinado lugar. E nesse dia veio um cidadão chamado Arruda Câmara. Não sei se você lembra.

P.R. — Diógenes de Arruda Câmara.

G.O. — Diógenes de Arruda Câmara. Era o terror do Partido. O homem forte. Secretário de organização do Partido. E aí, ele, simplesmente, disse: "Olha..." ...Meu nome de guerra era Brandão. - "Olha, Brandão, você, a partir de agora, vai fazer tua autocrítica na prática. Você é funcionário do Partido, profissional, revolucionário, mas você vai fazer autocrítica na prática." "Uai, o que é que eu tenho que fazer?" "Você vai se virar e entrar para a maior empresa que você encontrar no seu caminho. Lá você vai começar de baixo." Essa era minha autocrítica. Bom, não é preciso dizer a você e a você que, para uma pessoa que dedicou sua juventude, sua vida, sacrificou, conteve todos os seus impulsos, até os mais íntimos, a serviço do Partido, não é?... Eu não tinha... A minha vida era o Partido, não é isso? Eu dormia com o Partido, acordava com o Partido...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

Então, esta coisa é o seguinte. Foi um choque muito profundo na minha vida. E ele disse isso assim de uma maneira cruel, brutal, acredito, até, desumana. Isso num ponto de rua ali nas Laranjeiras. Uma rua daquelas, cheia de árvores, que eu não me lembro nem o nome.

M.Q. — No Rio?

G.O. — No Rio de Janeiro. O ponto era assim: ele vinha de lá e eu ia daqui e a gente se encontrava no meio da tal rua. Eu sei que era uma rua ali próxima do Largo do Machado.

M.Q. — Rua das Laranjeiras.

G.O. — É. Uma rua cheia de árvores e tal. Era uma noite, assim, entre e sete e sete e meia, por aí. Mas aquilo parecia que eu ia me afundar no chão. Aí, eu disse: "Mas cama rada, eu não tenho um tostão no bolso. Eu estou a zero." Aí, ele me disse: "Um comunista em processo de autocrítica tem que saber se virar. Comunista tem que saber se virar. Então, você se vira." Eu morava ali no bairro do Rocha. Rocha...

M.Q. — Rocha Miranda?

G.O. — Não. Aqui, antes do Engenho Novo. Antes do Engenho Novo tem um bairrozinho ali, Rocha. Eu morava ali na casa de uma senhora. E o filho dela era militante, eu morava lá com ele. Ela, a dona, tinha um quarto, eu morava lá, junto. E aí, eu fui para lá, entrei numa crise emocional, choro... Aquela coisa toda de um militante que diz - "Puxa vida! Tantos anos e termino assim." - Mas, eu tinha trazido da União Soviética uma máquina fotográfica FED... não é bem o nome, é FID, F-E-D. E aí, o que é que eu faço? O que eu vou fazer? E eu fui na Caixa Econômica, no dia seguinte, empehei a máquina fotográfica, tomei um trem noturno, São Paulo, de São Paulo peguei a Santos-Jundiaí, desci, voltei para minha casa, da minha mãe, em Santos. Cheguei aqui... Quer dizer, é aquele negócio que eu digo. Uma desgraça nunca vem só. A notícia que eu recebo é que meu pai falecera há dois anos atrás. E aí, minha mãe me dá uma bruta bronca, entre choro de alegria de ver que eu voltava, mas me dá uma bronca, que eu era um desumano e que ela mandou dizer que meu pai morrera e eu não mandei nem uma notícia dizendo nada. E aí é outra decepção que eu sofro. Porque o Partido escondeu de mim que meu pai mor-

rera. E depois eu vim saber que escondeu de várias pessoas que parentes morreram, que mulher estava doente, e outros bichos mais, para não perturbar, segundo eles, os estudos na União Soviética. E aí, eu sofro mais outra, e tal. Mas, apesar de tudo a ideologia é uma coisa interessante. Você não a perde como você perde uma moeda no bolso. Você reluta, mas aquilo permanece. E aí, lá vou eu atrás do emprego. E aí, abro A Tribuna, está um concurso para a Petrobrás. E lá vou eu fazer o teste. E o que me salvou foi isso. Eu estava muito bem preparado por esses dois anos de estudo na União Soviética. Matemática e química, tudo isso que a gente vai aprendendo. E aí, eu estou fazendo curso de ajudante de operador, passando num dos primeiros lugares e tudo mais. E, de repente, eu estou envolvido na fundação do sindicato.

P.R. — Esse seu ingresso na Petrobrás já foi no governo JK?

G.O. — O meu ingresso na Petrobrás foi no governo do JK. Foi no período do Janary Nunes na presidência da Petrobrás.

P.R. — 57, 58, por aí.

G.O. — Isso. 58. Bom. Então, aí começa uma nova fase na minha vida.

M.Q. — Mas antes de passarmos a essa nova fase, eu gostaria de lhe fazer algumas outras perguntas que me surgiram. Primeiro. Eu gostaria de saber se nesse período em que o senhor esteve na União Soviética, o senhor acompanhou os movimentos aqui no Brasil. Porque a gente teve toda a questão da crise do governo Getúlio Vargas, em 54...

G.O. — Não, nós tivemos aquele problema do...

M.Q. — Também o golpe, não é, de 55.

G.O. - ...do Carlos Luz. Do...

P.R. - Do Lott.

G.O. - Não. Do Lott não. Que era o vice-presidente...

M.Q. - Café Filho.

G.O. - Café Filho. Aquelas tentativas de golpe que houve.

P.R. - Que foram obstaculizadas pelo Lott.

G.O. - É. Isso tudo nós acompanhamos na União Soviética.

M.Q. - E como é que interpretavam essas... Como é que vocês estavam interpretando essas...

G.O. - Olha, a gente não tinha lá muitas informações e se baseava muito no noticiário do rádio que ouvia. A ida de elementos lá era muito esporádica. Para ser sincero, não me lembro de ter tido grandes discussões sobre isso.

M.Q. - E essa viagem à China? O que é que o senhor viu na China? Como é que o senhor encontrou a China?

G.O. - Bom, essa viagem à China foi uma viagem interessante. Porque nós fomos... O chinês estava numa fase de uma espécie de aprofundamento, de definição da revolução chinesa, de uma definição mais nítida dos caminhos, e tal. Então, a nossa ida lá, teve muito assim de ir direto no local do fato social. Então, as nossas visitas se deu muito na fábrica, direta, nos campos, as tais comunas. Aquelas comunas agrícolas que eram a grande descoberta do Mao-Tsé-Tung, as comunas agrícolas, aquele trabalho coletivo. Se por um lado o entusiasmo do povo contaminava a gente, por outro, a gente não entendia como era grande a miséria ainda na China. Isto choca, não é? Se você está na União Soviética, de certo modo, um padrão muito mais... E a China lutando, desesperadamente, para encontrar o seu próprio caminho. Que aliás

até hoje não encontrou. Mas naquele momento, a China passava por... Olha, incrível! Nós entramos na casa de um cara que era uma espécie de um supervisor, não sei o que é, coordenador lá de uma indústria, mas era horrível. A casa dele era um negócio como isto aqui. Um estrado assim, um tipo de um fogão embaixo, aquecido com restos de madeira cortada. E ali dormia ele, a mulher, a filha, os filhos, tudo assim, junto. Um cômodo só era o quarto, era a sala, era a cozinha. E a gente não entendia, mas aquele pessoal aceitava aquilo de uma maneira fanática. Em torno de um Mao-Tsé-Tung, com o seu livro vermelho, e tudo o mais. De certo modo, eu até me entusiasmei com aquela coisa, e tal.

Mas voltei com aquela dúvida. Caramba! Mas a gente luta para ter o socialismo, a revolução, e depois vem isso?! Hoje eu entendo perfeitamente que a primeira etapa da revolução, ela é pior até do que a final do regime que desaparece. E aí é que é o meu drama. Será que o brasileiro está preparado para essas coisas? Será que você estaria preparada para sair lá da sua Niterói, se sujeitar a isso? Será que o Plínio se sujeitaria? Será que o Silvino, o presidente do sindicato, um salário aí de quase um milhão, vai se sujeitar a... Essa é a grande incógnita. Bom, mas tudo isso foram apenas conjecturas. Guardo recordações muito boas da China. O chinês é um povo muito "chegado", na minha concepção. Fez tudo para que quando eu voltasse, eu voltasse um porta-voz da revolução chinesa e da concepção. Porque eles tinham entrado em choque com Stalin e com tudo aquilo do Krushev, etc.* Mas eu voltei pensando realmen-

* Ainda com Stalin, a partir de 1950 as relações sino-soviéticas prosperaram. Foi com Krushev no poder, no final dos anos 50, que este relacionamento foi se deteriorando. Em 1966, russos e chineses chegaram até o conflito bélico em suas fronteiras.

te no Brasil, nas nossas coisas, no partido que eu servira. E recebi esta decisão.

Vim para Santos e fiz o que estou te dizendo. Imediatamente, entrei naquela fase de organizar e participar da organização do sindicato. Porque é o tal problema. Criou-se a Petrobrás, estruturou-se a Petrobrás, começou a construção das refinarias, e da de Cubatão, e os operários quem eram? Eram das empreiteiras da construção civil, da metalúrgica. Então, quando já começava a ter que se estruturar o quadro próprio, a Petrobrás começou a pegar este pessoal para fazer parte dos seus quadros. Mas esse pessoal pertencia ao sindicato dos metalúrgicos, da construção civil, da alimentação, aqui ou ali, dos eletricitários, os marítimos. Por que dos marítimos? Porque os primeiros operadores das casas de força eram os maquinistas das caldeiras de navio. Interessante isso, não é?

M.Q. — Interessante.

C.O. — Nós começamos a sentir que havia uma necessidade de criar nosso próprio sindicato, e começou o movimento. E aí começa a tentativa de criar a associação profissional. A associação profissional redundou em alguns protestos, alguns movimentos. Os primeiros operários que tentaram fazer isso, acabaram sendo presos dentro dos tanques, vazios, é lógico que estavam, ainda não havia refinaria produzindo. Havia aqueles brutos tanques lá, então, o cara era preso, solto lá dentro, e sem uma escada, sem nada, como é que ele vai sair de lá? Castigo.

M.Q. — Também queimaram carteiras de trabalho não é?

G.O. — Faziam mil... E aí, nesta coisa, eu já tinha uma noção da vida operária, pela leitura, pela vivência, pelos

estudos, quer dizer, o curso de sindicalismo na União Soviética, então, na terra de cego, quem tem um olho é rei. Então, Silvino, está aí nas atas, mesmo sem ter tempo de casa, sem atender a legislação, já era indicado secretário da associação. Eu volto atrás, desisto, ponho outro no meu lugar e fico só por trás, até eu completar os dois anos.

M.Q. — Seu Geraldo, o senhor volta com o seu nome mesmo?

G.O. — Aí eu volto adquirindo o meu nome verdadeiro. Tiro uma carteira profissional nova, dou uma gratificação no DOPS para poder ter aquele atestado de antecedência bonito. Não nego que dei uma boa gratificação. Porque se saísse que eu tinha sido preso, e tal, em fins da década de 40, estava liquidado, certo?

M.Q. — Isso independente do Partido? As suas ligações com o Partido, como é que ficaram?

G.O. — Isto, até aí, eu não tinha a mínima ligação com o Partido. E logo depois, que quando começou essa coisa, eu começo a encontrar os elementos do Partido. Passamos apenas a trocar idéias, eles dão sugestões, e tal. Depois de uma certa relutância, eu voltei a militar de novo no Partido. Formamos a nossa célula dentro da refinaria. Mas com uma condição: as coisas aqui somos nós que vamos decidir. O Partido sugere, fala, dá idéia da conjuntura, mas quem vai decidir o que fazer, como fazer, somos nós. Porque o Partido não entendia do problema nosso, específico. E assim fomos levando. E, em 19 de dezembro de 1958 fundamos o nosso sindicato.

M.Q. — Eu sei que antes disso funcionava uma espécie de associação de funcionários.

G.O. — Era a Associação Profissional dos Empregados da Petrobrás.

M.Q. — Mas era diferente de um sindicato? Como é que era?

G.O. — Ela era um embrião do sindicato. Ela não tinha sede, a arrecadação das mensalidades era feita de maneira semi-clandestina. Era um número reduzidíssimo de pessoas.

[FINAL DA FITA 1-B]

G.O. — Fundado o sindicato, nós conseguimos que o Janary Nunes mantivesse, pelo menos uma situação de neutralidade perante o sindicato. Não perseguisse o pessoal, liberasse o pessoal para se sindicalizar, outras partes do movimento sindical influenciou junto a ele e aí o movimento trabalhou mais aberto. Elegeu-se a primeira diretoria...

M.Q. — O senhor estava nessa primeira diretoria?

G.O. — Não. Não. Eu não tinha dois anos de empresa. Eu só fui eleito na segunda diretoria. Aliás, na terceira. A primeira foi uma diretoria provisória. A segunda, foi uma diretoria com mandato normal. E na terceira é que eu entrei encabeçando uma chapa. Nós, não só na primeira etapa como na segunda, conseguimos uma série de coisas. Pelo menos saber dos salários de antemão. Em vez da empresa publicar lá - olha, a partir do dia tal o salário do pessoal será esse. Era 10% e acabou. Então, nós passamos a saber antes e difundir. Depois passamos a influir no próprio salário.

M.Q. — Esse movimento de organização do sindicato em Cuba-tão, ele é uma coisa que ocorre ali no sindicato, localmente, ou outros sindicatos surgiram nessa mesma época, no Brasil?

G.O. - Nessa mesma época também surgia e se desenvolvia o sindicato de Mataripe, cujo presidente hoje é Mário Lima. Também a região de produção da Bahia, que é a parte dos campos de petróleo. Inicialmente, era tudo uma coisa só. Depois passa a refinaria a ter o seu próprio sindicato.

M.Q. - E que forças estavam atuando lá também, na Bahia, nesse período? Também eram elementos do Partido? Como é que é?

G.O. - Sinceramente, pouco nós sabíamos que forças internas influíam no movimento lá. Nós sabemos...

M.Q. - E vocês também não tinham contato com eles?

G.O. - Nós sabemos que existiam pessoas do Partido lá dentro. Mas eu não posso te precisar quem. O que eu sei é que a maioria era jovem, sem experiência. E o mesmo acontecia aqui. Pessoal de pouca experiência, de pouca vivência sindical.

M.Q. - E não havia esse contato entre vocês?

G.O. - Não. Havia. Nós nos solidarizávamos com eles lá, eles se solidarizavam conosco.

M.Q. - Desde o início desse primeiro tempo?

G.O. - Desde o início. O pessoal que vinha fazer estágio aqui, a gente entrava em contato. Quando eles voltavam, levavam que o sindicato lá funciona assim, e o pessoal de lá se adaptava. Eles reagiam lá e nós aqui os apoiávamos. Inicialmente, a coisa se detinha praticamente só em Cubatão, Bahia e Rio de Janeiro, que era a Refinaria de Mangueiras e a própria sede da Petrobrás.

M.Q. - E a refinaria particular, aqui de São Paulo, tinha alguma?...

G.O. — Nós não tínhamos nenhum vínculo com as refinarias particulares. Nada.

P.R. — Como é que era o relacionamento dos sindicatos com o governo do Juscelino, Silvino? Porque existia na época uma idéia ou uma versão, não sei bem, de que os sindicatos tinham se comprometido a evitar a deflagração de grandes movimentos reivindicatórios, a fim de que isso pudesse suscetibilizar a legalidade democrática e, ao mesmo tempo, comprometer a normalidade do programa de metas do Juscelino. Isso era verdade?

G.O. — Olha, a nível de petróleo não houve esse fato. Aqui, a nível de Cubatão, nós não tivemos problemas. A verdade é essa. É que o Juscelino nunca recebeu a gente. Juscelino não era um homem de diálogo com os sindicatos. Pelo que eu me recorde, não.

P.R. — Sim. Mas corria também uma outra versão de que a política sindical do governo do Juscelino estaria sendo entregue ao João Goulart. Que o João Goulart é que resolvia esses problemas. Porque o Juscelino estava voltado para uma outra tarefa, que era a realização do seu programa de metas.

G.O. — É. Exato. Aí era a questão do Ministério do Trabalho. João Goulart era ministro do Trabalho...

P.R. — Não. Era vice-presidente da República, nessa época.

G.O. — Era vice, depois foi ministro. Ou tinha ali aquele que era a eminência parda da presidência da República, que era o tal Gilberto Crockat de Sá. Então, o nosso relacionamento girava muito naquele meio ali.

P.R. — Os sindicatos da Petrobrás resolviam seus problemas mais diretamente com a direção da empresa ou com um envol-

vimento do Ministério do Trabalho? Parece que no caso da Petrobrás...

G.O. - Não. Nós resolvíamos muito mais direto com a empresa do que com o Ministério do Trabalho. Essa era a coisa.

M.Q. - Inclusive, nesse período, me parece, havia uma certa autonomia das unidades da Petrobrás, um certo poder de decisão.

G.O. - É. A Petrobrás, ela tinha amplos poderes para negociar salário com seu pessoal.

M.Q. - Mas até as unidades, inclusive. Porque em cada unidade...

G.O. - Até as unidades tinham também uma certa autonomia para fazer certos acertos e correções.

M.Q. - Os salários não eram unificados. Havia uma diversidade de tabelas.

G.O. - É. A nível de Petrobrás, havia até uma disparidade salarial entre as unidades. Depois, num processo, é que nós partimos para a equiparação a nível nacional. O que fosse dado aqui para Cubatão, seria estendido para todo o Brasil. Se qualquer conquista houvesse no Brasil, em qualquer parte, era extensivo a Cubatão.

M.Q. - Isso foi mais tarde, não é?

G.O. - Isso foi depois do governo Juscelino. Depois do governo Jango Goulart...

M.Q. - Depois do Jango Goulart? Não. Do Jânio Quadros.

G.O. - Depois... Não. Juscelino... Depois do governo Jânio Quadros e depois no governo, no próprio governo Jango Goulart. Sendo que no governo Jango Goulart, a interferên

cia dele foi mais no sentido da nomeação de diretores, de presidente, de cargos de chefias, do que mesmo na questão salarial, que era quase toda dentro da empresa.

P.R. — Agora, ainda no governo Juscelino. Por exemplo, ocorreram vários problemas políticos relacionados com a área do petróleo. Por exemplo...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

G.O. — Nós estávamos na fundação do sindicato, que foi precedido pela fundação da Associação dos Trabalhadores em Petróleo.* Cujá situação foi muito difícil, pois a representação era bastante grande. Inclusive com prisões dentro dos tanques de petróleo que foram construídos inicialmente.

M.Q. — Quais foram os primeiros trabalhadores, assim, não os nomes, mas as categorias, os tipos de trabalhadores que se associaram?

G.O. — Os tipos de trabalhadores que faziam parte eram geralmente pessoas oriundas da construção civil, da metalúrgica, marítimos, pessoal da área de funcionários oriundos do CNP, Conselho Nacional do Petróleo. Esta foi a base que constituiu os trabalhadores iniciais da Refinaria de Cubatão, e do resto do país.

M.Q. — Mas os engenheiros não entravam no movimento?

G.O. — Os engenheiros nunca entraram neste movimento. Muito pelo contrário. No início, eles eram totalmente contra o próprio movimento, e o engenheiro era como se fosse o pa-

* Associação Profissional dos Empregados da Petrobrás.

trão mesmo. Posteriormente, nós fizemos um trabalho, amainou um pouco.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

G.O. - ...aquela fase da associação que estava se transformando em sindicato, cujos primórdios foram marcados por revoltas de trabalhadores que redundaram em prisões dentro dos tanques de petróleo e gasolina, construídos, inicialmente, na refinaria.

M.Q. - Isso foi na época da constituição do sindicato?

G.O. - Chegou-se numa fase em que o sindicato foi fundado, a 19 de dezembro de 1958. Portanto, o sindicato vai completar agora trinta anos de existência. 19 de dezembro de 1988.

Fundado o sindicato, os primeiros momentos dele foi de corrigir algumas injustiças locais, tentar aglutinar os associados, arrumar alguma sede para poder funcionar, enfim, um trabalho inicialmente organizativo. Só três anos depois é que o sindicato começou a ter uma força maior, quando, já junto com outros, começou a atuar mais organizadamente.

M.Q. - Agora eu me lembrei o que eu ia perguntar ao senhor. Eu perguntei se tinham engenheiros associados ao sindicato. Aí o senhor falou que não.

G.O. - Nós tivemos uns poucos engenheiros associados ao sindicato. Infelizmente, os engenheiros sempre estiveram ao lado dos patrões e do governo. Mesmo até que eles, no seu íntimo, fossem do nosso lado, mas eles, pela função que exerceriam pelo cargo que exerciam, eram pagos para is

so, para dar ordens e para impor a disciplina nas relações do trabalho. Daí é que às vezes os operários confundiam os engenheiros com o próprio patrão. Não viam o engenheiro como um empregado igual a ele, e sim como um lacaios a serviço da direção da empresa. Por outro lado, tinha também um bocado de engenheiros que era profundamente reacionário na questão das relações do trabalho.

Até, gozado, tem alguns engenheiros que, na aparência, são esquerda, mas na ação de direção na empresa agem pior do que a direita. É só a esquerda apenas de fachada. No fundo, ideologicamente, eles metem a carapuça do patrão, e da direita, e do Estado. Nós trabalhamos para superar. Vamos chegar um dia em que engenheiros e trabalhadores de nível médio estarão unidos, juntos na mesma luta. Porque hoje, hoje é muito diferente daqueles primórdios de 58. Hoje o engenheiro já vive como um proletário. Ele tem até as próprias dificuldades do proletário. Naquele tempo não, o engenheiro era um privilegiado, não é isso? Hoje o engenheiro se proletarizou.

Em 1961 foi o ponto alto da luta do movimento sindical dos petroleiros de Cubatão. Nós tivemos a grande conquista, que foi a jornada de seis horas de trabalho. Fizemos uma greve para isso. O Tribunal Regional do Trabalho nos assegurou este direito. Nem a Revolução de 64 conseguiu tirar. Mas em 64 tirou em outros lugares. Mas em Cubatão não conseguiu tirar. Foi por isso que nós pagamos um preço muito alto. Em 64, toda a nossa diretoria sindical foi destituída e presa, e condenada a várias penas de prisão. E em 64, a gente acabou, para não ser preso ou até morto, tivemos é que fugir, e cuja história você vai ter aí nesse livro,* que depois você lê e tem uma noção. Antes de

* SILVA, Ricardo Marques da e ALEXANDRINO, Carlos Mauri. Sombras sobre Santos: o longo caminho de volta. Santos, Secretaria Municipal de Cultura, 1988.

fundar o sindicato, das grandes lutas do nosso sindicato, nós tivemos também, em Santos, uma ação sindical muito importante, que contribuiu também para a greve... para a greve, não, para o movimento sindical petroleiro, que foi a criação do Forum Sindical de Debates de Santos, cuja presidência eu tive a honra também de exercer, nos anos de 1959 e 1960. Período 1959-1960. Forum Sindical de Debates de Santos que agrupava, naquela ocasião, 54 sindicatos na Baixada Santista, e que promoveu uma das greves gerais mais importantes neste país, que foi a greve, dos petroquímicos de Cubatão, de solidariedade aos petroquímicos. Greve essa que até os coveiros dos cemitérios deixaram de enterrar os cadáveres, se solidarizando conosco. O Forum Sindical de Debates desempenhou um papel importantíssimo na unidade do movimento operário na baixada. Mas que, vítima também da Revolução de 64, foi posto fora da lei e se esboçou, e até hoje não conseguimos levantá-lo de novo.

Várias tentativas foram feitas para se criar outras entidades. Mas, pelas contradições existentes no movimento sindical nos dias de hoje, não deu para se ir adiante. Estamos ainda tentando chegar a essa meta, pois entendemos que só a união de todos os sindicatos possibilitará realmente a vitória das nossas reivindicações a nível de trabalhadores. Haja vista agora a própria greve. Nós tivemos a solidariedade esporádica de vários sindicatos, de estivadores, de metalúrgicos, de marítimos, de portuários, Mas, esparsamente, isoladamente. Não tivemos nenhuma solidariedade assim coletiva e organizada. Isto é que nos faltou, talvez, para dar um novo impulso à própria greve.

M.Q. - Como é que surgiu esse Forum? Como é que surgiu a organização desse Forum?

G.O. — Esse Forum surgiu apenas para debater as questões sindicais e operárias. Por exemplo, vai debater a greve do Moinho Santista contra a transferência de operários para o Paraná. Inicialmente nós debatíamos o movimento. Mas saíamos dali apenas com um telefonema, uma visita de solidariedade. Então, passamos não só a debater, mas também a tomar medidas concretas de solidariedade, através de outros movimentos. Daí a força do Forum Sindical de Debates, que era um órgão colegiado, com eleições anuais.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

P.R. — Silvino, você se referiu aí às greves de 1961. Foi um episódio no qual eu tive uma participação pessoal muito grande, eu queria saber, então, o seguinte: a greve primeira, ela se deflagrou na Bahia, supostamente, em defesa da permanência do Geonísio Barroso na presidência da Petrobrás. Mas houve uma segunda versão, naqueles contatos que a gente tinha lá, que a greve de Cubatão não era bem com esse objetivo. Era em solidariedade ao pessoal da Bahia, mas elas tinha o objetivo de reivindicação salarial, qualquer coisa desse tipo. Então, a primeira pergunta seria o seguinte: qual foi o objetivo real da greve? Se era realmente do interesse do sindicato da Petrobrás, naquela época, defender a continuidade do Geonísio Barroso na presidência da empresa? Qual foi o problema básico desse episódio?

G.O. — Aquela greve ocorrida na Bahia, em defesa do Geonísio Barroso, foi um problema que poderíamos chamar de um problema de solidariedade baiana. O Geonísio Barroso era um homem muito arraigado à Bahia, tinha um relacionamento muito profundo com os trabalhadores naquele período, pra-

ticamente na região de produção, e os baianos são muito sentimentais. E aí, chegaram a esse ponto de deflagrar a greve. Foi um problema que eu chamo uma greve regional de solidariedade a um presidente baiano. A nossa greve, ela também se solidarizou com eles. Mas nosso problema aqui, todos os nossos movimentos, ele teve sempre um cunho nitidamente econômico. Nós entendemos que não se pode fazer uma greve para manter um presidente ou para tirar um presidente, porque nós entendemos que o fundamental são as massas trabalhadoras e não as personalidades.

P.R. — Esse episódio, de fato, ele paralisou a vida da empresa durante alguns dias. Então, o ministro Gabriel Passos levava vários nomes ao presidente da República para serem aprovados. Diziam uns que era por influência do Balbino, outros que era por influência do Kruel, e outros ainda que era por influência do próprio Juracy Magalhães, que naquela época era governador da Bahia. Ele rejeitava esses nomes. Então, houve uma fase final em que foram apresentados seis nomes para a presidência da empresa: que era o Dagoberto Sales, o Hélio Ramos — que era da Bahia — engenheiro e era deputado federal da Frente Parlamentar, depois, os generais Jair Dantas Ribeiro, Peri Bevilacqua, coronel Crisanto, e, por último, vinha o nome de Francisco Mangabeira, que era realmente uma indicação do Juracy. Acabou saindo o Francisco Mangabeira. Como foi esse tipo de negociação entre os sindicatos e o presidente da República que determinou essa solução?

G.O. — Eu me recordo que nós, diante desse elenco de nomes chegamos à conclusão que para nós o melhor nome seria o Francisco Mangabeira. Porque era um homem de idéias bastante socializantes, era um homem mais maleável para se li-

dar com ele. Podemos dizer mesmo que na gestão do Francisco Mangabeira, os sindicatos tiveram ampla liberdade de ação e de atuação. Se você me perguntar se o Francisco Mangabeira foi um administrador bom, eu digo que não. Ele era um professor, não um bom administrador. Mas, no trato com o movimento sindical, ele foi profundamente democrático e solidário com o movimento dos trabalhadores.

P.R. — E nessa época, logo depois, logo que o Mangabeira tomou posse, havia assim negociação entre os sindicatos e o Mangabeira? No sentido, por exemplo, da sugestão de nomes para a composição do primeiro e do segundo escalões da empresa?

G.O. — Foi precisamente com o Mangabeira que nós conseguimos a indicação de alguns nomes para as superintendências de refinarias, para a diretoria da empresa, para alguns postos-chave na empresa. O Mangabeira foi muito aberto a isso, pois ele tinha uma idéia que... Hoje se fala nisso, mas não se pratica. Naquele tempo ele já tinha a tal idéia, da co-gestão na empresa. Ou seja, dos trabalhadores poderem participar, através de seus representantes, da direção da empresa. Tanto que foi na gestão Mangabeira que nós chegamos a criar as chamadas comissões paritárias dentro da empresa. Nós tivemos aqui em Cubatão uma comissão paritária entre representantes dos trabalhadores e da empresa, para decidir sobre casos de disciplina, decidir sobre demissões, decidir até sobre promoções de empregados.

P.R. — Agora, você não acha, por exemplo, que esse critério de relacionamento entre os sindicatos e a direção da empresa, no sentido da sugestão de nomes e a conquista de outras prerrogativas, isso não concorreria nunca para um enfraquecimento do movimento sindical? Porque quando o movimento

sindical quisesse pleitear, por exemplo, medidas que fossem precisamente do seu interesse e da sua competência, esse processo de luta não seria enfraquecida, diante desse...

G.O. - É inegável que esse processo de convivência e de relações de trabalho entre os sindicatos e a empresa, esse processo no qual o sindicato quase que assume alguns aspectos da administração, é inegável que isso enfraquece a ação sindical. Tanto que esse processo foi, em parte, deixado de lado. Hoje, embora a gente tente essa coisa, procura sempre preservar o núcleo da direção sindical. Haja vista, por exemplo, a Petros. Hoje, os trabalhadores participam da curadoria da Petros. Mas nós procuramos pôr pessoas que não fiquem exercendo cargos da direção. sindical. Os exemplos que estão aí são negativos.

P.R. - Voltando um pouco atrás, agora, já no governo Juscelino, houve, por exemplo, dois acontecimentos políticos importantes na área do petróleo. E eu queria saber se isso teria afetado, de uma forma ou de outra, os sindicatos.

Em primeiro lugar, por exemplo, foi a convocação que a Câmara fez de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a interferência da Shell e da Esso nos negócios da vida política brasileira. E particularmente na vida do petróleo. Essa comissão parlamentar de inquérito reuniu, levou todos os big shots da Esso e da Shell, fizeram sentar lá na mesa e prestar depoimento, mas, a não ser O Semanário, nenhum jornal, mas nenhum mesmo, dava sequer a notícia que a comissão esteve reunida. Nessa época, - isso foi em 1957 -, os sindicatos tomaram algum conhecimento disto? Ou os sindicatos ainda estavam...

G.O. - Não. Os sindicatos ainda estavam no seu embrião. Não tinham ainda aquela força para influir nessas comis-

sões. Nós participamos de alguma coisa da comissão parlamentar de inquérito no período de Jânio Quadros.

P.R. — Resultou até na prisão do Sardemberg.

G.O. — Isso. Só. E foi bastante frustrante a nossa participação nisso. Pois que a comissão parlamentar de inquérito...

[FINAL DA FITA 2-A]

G.O. — Quando nós recebemos essa comissão, juntamos um bo-
cado de denúncias de corrupção, de desperdício dentro da
empresa, de irregularidades em contratos, aqui ou ali, nós
sentimos que quando esses problemas bateram lá, não sei que
forças estranhas procuraram amortecer isso, aquela comis-
são de inquérito terminou quando começou. Sem nada de con-
creto. A partir dali, nós nunca demos muita bola para esse
tipo de coisas.

P.R. — É. O segundo episódio, ainda no governo Juscelino,
esse já foi mais grave, foi a desavença que existiu entre
o Alexínio Bittencourt, que era presidente do Conselho Na-
cional do Petróleo, e o Janary Nunes, que era presidente da
Petrobrás, em função do acordo de Roboré. Onde o Ale-
xínio, através de um relatório, achava que a Petrobrás in-
sistindo em prospecção de petróleo no Brasil, não encon-
trava petróleo, e estava gastando divisas imensas na impor-
tação de óleo, quando podia aplicar esse dinheiro na Bolí-
via, e tal. Então, esse problema suscitou uma divergência
entre os dois órgãos. O caso foi investigado por uma comis-
são de alto nível, presidida pelo general Jair Dantas Ribe-
ro, pelo Albino Silva e pelo Carlos Medeiros. Carlos Medei-

ros? Acho que o Carlos Medeiros. Se pronunciaram a favor do Janary. Nessa época também os sindicatos ainda não tinham participação efetiva nesses problemas políticos?

G.O. — Não. O acordo de Roboré, praticamente, a discussão desse acordo, ele passou de raspão pelos sindicatos. Nós, praticamente, não tivemos nenhuma influência em relação a esse acordo. Esse acordo de Roboré era o que falava do tal oleoduto, que vinha da Bolívia...

P.R. — É. Santa Cruz de la Sierra. Corumbá-Santa Cruz de la Sierra.

G.O. — Isso. Mas nós não participamos disso.

P.R. — Quer dizer, a força do sindicato começa a aparecer realmente por volta, digamos, de 1960?

G.O. — A força dos sindicatos passa a aparecer a partir de 1960. E culmina, a nível político, com a encampação das refinarias particulares nos antecedentes próximos, dias e meses que antecedem 64. O ponto alto da luta política sindical dos petroleiros foi, sem sombra de dúvida, a encampação das refinarias particulares, que também foi o ponto de partida para o golpe de 1964.

P.R. — Exatamente. Mas no governo Jânio Quadros foi baixada logo no início do governo, a Instrução 204, que foi uma espécie de reforma cambial que prejudicava as importações da Petrobrás, porque retirava dela a prerrogativa de usar um câmbio especial para importação. Também, nesse caso aí, a coisa não chegou a repercutir dentro do sindicato? Ou já havia alguma ressonância?

G.O. — Não. Nós participamos de manifestação contra a Instrução 204 da Sumoc.

P.R. — É. Da Sumoc.

G.O. — Da Sumoc. Mas assim, de uma maneira assim de protesto. Mais da cúpula sindical do que mesmo de uma participação em movimentos de massa. Foram protestados em jornais.

P.R. — Os governos, os governos da época, não sentiam, por exemplo, a força do movimento sindical do petróleo, não é? Porque os políticos procuravam os sindicatos, presidentes da República procuravam para conseguir apoio? Havia interferência de deputados e senadores, por exemplo, dentro dos sindicatos, em busca de qualquer....

G.O. — Não. Não, não, não. Não. Não. Os sindicatos, eles só passaram a ter realmente uma força assim política foi de 62 a 64. Foi o período de efervescência do movimento sindical. No qual havia uma coordenação entre, por exemplo, a Frente Parlamentar Nacionalista e os sindicatos. Entre o Clube Militar, que estava numa fase razoável, e os sindicatos. Aqueles militares nacionalistas e os sindicatos.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.Q. — Então, eu queria perguntar uma coisa. Voltando ainda para trás. É o seguinte. Na entrevista com Aldo Zucca, ele falou que o sindicato passou a ter interferência dentro da vida da refinaria, ele sentiu isso, a partir da gestão do Irto Sardemberg, não é? Ele passou a exercer lá uma função de chefe de pessoal ou o que seria hoje a pessoa de relações industriais, o chefe... Exatamente. Então, ele fala, nesse período, já de uma interferência dos

sindicatos. E que isso foi num crescendo, inclusive culminando com o afastamento de pessoas que eram personas non gratas pelo sindicato, não é? Eu gostaria que o senhor reconstituísse um pouquinho, dentro da Refinaria de Cubatão, esse relacionamento entre o sindicato e a direção da refinaria. Já que o senhor estava diretamente envolvido com isso.

G.O. — Com a posse do Irto Sardemberg na direção da refinaria começou uma ação nossa, mais efetiva, no sentido de tentar neutralizar aquela ação dos engenheiros e chefes. Não era uma ação de técnica, mas sim uma ação punitiva. Ela começou precisamente com Aldo Zucca. Um belo dia, nós recebemos uma informação e também uma lista encimada por um título: "Operação Facão". "Operação Facão", ordenada pelo engenheiro Aldo Zucca, na qual eram demitidos, sumariamente, mais de cem trabalhadores que se aproximavam dos dez anos de refinaria. Então, Aldo Zucca se atribuía o poder de demitir. A ação foi tão violenta que o pessoal se revoltou, e praticamente convocou uma assembléia, ameaçou uma greve, e o superintendente Sardemberg suspendeu isto aí. A partir daí, o Aldo Zucca se tornou uma pessoa totalmente antipática e persona non grata dos trabalhadores. Depois, nós tivemos também um outro cidadão chamado Aldo Godinho. Amigo do próprio Aldo Zucca.

M.Q. — Ih, é mal do nome. É Aldo Godinho? Não. Eu acho que não é.

G.O. — Cláudio Godinho. Então, esse também era uma desgraça. Perseguia os trabalhadores, maltratava...

M.Q. — Ele foi demitido em 64, não é?

G.O. — É. Chegou a ser demitido antes de 64, e readmitido

depois de 64. Nós passamos então, já na gestão do Carlos Alberto Zavataro, comandante Zavataro, que hoje trabalha na assessoria do Carlos Sant'Anna, no vigésimo andar da Petrobrás - até se vocês quiserem visitá-lo, ele pode falar muito desse período. O Zavataro viveu o período áureo do movimento sindical em Cubatão. Foi um superintendente que foi posto aqui praticamente por nós, em acordo com o Mangabeira. Depois ele ficou aqui, depois foi para o Rio assumir a Fronape, e deixou um outro, Isnard Barbosa, aqui, no lugar dele. Isnard Barbosa caiu com a gente. Ele, superintendente, e nós... Ele caiu junto conosco, em 64. Foi demitido também em 64, anistiado. Houve um momento que nós armamos um esquema e começamos a ter gente da nossa confiança nos postos-chave da Petrobrás. Desde o serviço de pessoal até os órgãos técnicos e tudo, em algumas superintendências de refinaria, como foi o Amaral, lá...

P.R. - Francisco Luciano Gurgel do Amaral.

G.O. - Luciano do Amaral, em Betim.

P.R. - E depois na direção da empresa.

G.O. - Exato. Foi diretor. Um outro que morreu, recentemente, na Bahia, agora. O próprio Régis, engenheiro Régis...

P.R. - Hugo Régis.

M.Q. - Hugo Régis morreu?

G.O. - Não. Eu não sei se morreu.

P.R. - Quem morreu foi Pedro Moura, não é?

G.O. - Não. Um outro lá na Bahia. Um magrinho.

P.R. - Roque Perroni?

G.O. - Não. Não me lembro agora o nome dele. Morreu re-

centemente, agora, há uns dois meses atrás. Então, estávamos nessa fase. Era um trabalho bem feito. No qual nós mantínhamos a nossa ação sindical. Mas tínhamos homens de nível universitário em todos esses postos importantes. Isto facilitava e muito a nossa ação sindical, e a solução de problemas locais, que a gente resolvia pelo diálogo.

P.R. — Agora, Silvino, com a ascensão do Albino Silva, que substituiu o Mangabeira, os sindicatos perderam um pouco a força em relação à presidência da empresa, não?

G.O. — O Albino Silva introduziu uma gestão mais disciplinadora, mais militarista dentro da empresa. E os sindicatos tiveram que recuar um pouco. Mas, mesmo assim, nós não perdemos a nossa força.

P.R. — Por exemplo, quando o Hugo Régis e o Jairo Farias fizeram aquela denúncia contra o Albino, que resultou na saída do Albino, os sindicatos tiveram alguma interferência no sentido de ajudar a denúncia feita pelo Hugo Régis e pelo...

G.O. — Tivemos. Ajudamos. Fomos ao governo naquela época tentar mostrar. Era o Jango Goulart, se não me engano.

P.R. — Era o Jango Goulart.

G.O. — Fomos ao Jango Goulart. Mas o Albino Silva tinha as costas quentes pelo general...

P.R. — Kruei?

G.O. — Acho que era o Kruei, não é? Ou era o Jair Dantas Ribeiro?

P.R. — Jair. Era o Jair.

G.O. — Acho que era o Jair Dantas Ribeiro que dava uma sustentação muito grande ao Albino Silva.

P.R. — Certo. E aí, então, a entrada do Osvino já foi com pleno apoio do sindicato?

G.O. — A entrada do Osvino foi apoio do sindicato, Osvino entrou carregado pelos sindicatos, foi a Duque de Caxias. Porque Osvino pregava abertamente a encampação das refinarias particulares. Aquele nacionalismo, aquela fraseologia toda nacionalista. Empolgava. Mas não passava também disso.

P.R. — Mas isso já foi, talvez, nos momentos finais do governo João Goulart, não é? Nesse processo, por exemplo, de deflagração do golpe, os antecedentes do golpe, por exemplo, o sindicato tinha consciência de que ele estava sendo preparado, ostensivamente, e que poderia ser deflagrado naqueles momentos? Havia informações, por exemplo, de que militares de direita se preparavam no sentido...

G.O. — É interessante. A questão do golpe no Brasil, nós, inicialmente, desdenhamos o próprio golpe. A gente achava que, - talvez pela influência do Prestes, que dizia que nós estávamos fortes, aquela coisa toda. Então, nós não acreditávamos muito nisso. As bravatas do Brizola. Tudo isso nos levava a achar que esmagaríamos as forças golpistas fácil, fácil. Até o ponto de que uma vez, um pouco às vésperas do comício do dia 13 na Central do Brasil, eu, Autran, esse rapaz, o Cid, fomos nas Laranjeiras conversar com o Jango e o Jango nos disse o seguinte: "Olha, vocês abram os olhos. Porque a coisa está ficando feia. Eu tomo um avião, vou para o Uruguai e lá eu cuido das minhas fazendas e tudo mais. Mas vocês vão ficar aí, vão sofrer as consequências. Por isso, vocês manerem. Não me pressionem..." Porque nós fomos pressionar o Jango para fazer o decreto de encampação das refinarias particulares. Nós achamos que era um papo furado do Jango Goulart. Só depois da

revolução é que nós viemos a compreender que ele estava certo. Ele nos alertou da iminência do golpe. Nós é que não acreditamos.

P.R. — E no dia do golpe, qual foi o panorama que você viu daquele dia, 31 de março de 1964? Aonde você estava, o que foi que você fez?

G.O. — No dia do golpe, nós estávamos, na noite anterior, no dia 30, nós estávamos na refinaria quando chegou um rádio. Nós tínhamos um controle total sobre o rádio. Dizendo que havia uma sublevação em Minas que se dirigia para São Paulo. Depois, nós recebemos outro rádio, que nos tranqüilizássemos, porque o Brizola, juntamente com o tal de não sei o que Machado, do Rio Grande do Sul...

P.R. — O general que comandava lá?

G.O. — É.

P.R. — O general que comandava lá... Não, não era o Machado Lopes não. Machado Lopes foi em 61. Quem comandava lá naquela época era o... Aquele que morreu, gente, como é que é o nome dele? O general...

G.O. — O Brizola...

P.R. — Ladário da Silva Teles.

G.O. — Isso. Que o Brizola, em coordenação com o 3º Exército, comandante do 3º Exército, estava vindo, via Paraná, se dirigindo para São Paulo para tentar enfrentar os mineiros e tentar dividir a coisa e jugular o próprio golpe. E aí, nós saímos da refinaria. Porque, na verdade, já estava o próprio golpe decretado, e o Osvino mandou um rádio para a refinaria mandando que não fornecêssemos o produto para ninguém. Porque naquele tempo, a própria refinaria tinha

o seu setor de distribuição, ela que fornecia seus produtos, direto. Não é como hoje que tem uma distribuidora que faz isso. E mais, que deveríamos contaminar o produto. Para que se o Exército tentasse usar o produto nas suas viaturas e tanques, aquele produto contaminado pararia, enguiçaria os carros, e blindados, e caminhões de tropa, etc. Assim foi feito.

Mas, já no dia primeiro, nós sentimos que a reação militar era muito grande, que as tropas do Rio Grande do Sul não tinham saído da capital nem dos seus quartéis. E que o Brizola já estava do outro lado. E aí, o que nós fizemos? Resistimos ainda um pouco mais, mandamos bloquear a porta da refinaria. Inicialmente, o Exército não conseguiu entrar. Depois, já em greve também, nós recomendamos, diante da iminência do golpe mesmo, nós recomendamos que o pessoal voltasse para dentro da refinaria e resistisse o possível. Se o Exército entrasse lá, fazer de conta que nada estava ocorrendo. Porque a ordem era para matar mesmo quem resistisse. A direção do sindicato conseguiu se posicionar aqui ou ali. Mas dois dias depois nós já estávamos fora de circuito. A intervenção no sindicato estava concretizada. E aí, começa uma longa noite.

P.R. — As tropas que ocuparam a refinaria vieram de São Paulo ou foi daqui de Santos mesmo?

G.O. — Foi daqui de Santos mesmo. Foi daqui mesmo.

P.R. — Você se lembra quem é que comandava aqui?

G.O. — Era o Erasmo Dias. Ele é que comandava as coisas e tudo.

P.R. — E você? O que é que você fez naquele dia? Aí, você se escondeu?

G.O. — Não, naquele dia, nós...

P.R. — Não. Naqueles dias. Logo que foi concretizado...

G.O. — Naquele dia, logo em seguida, nós, os vários dirigentes sindicais, petróleo, metalúrgico, portuário, nós nos reunimos num primeiro momento num apartamento aqui em Santos, de um portuário, e à noite, nós, diante das notícias já de que a revolução tinha... O Krueel aderiu, o general Zerbini teve que se render, foi preso, aquele lá do sul também, não sei o que Ladário, não sei o que Ladário...

P.R. — É Ladário da Silva Teles. Ficou sem comando.

G.O. — É. Também cedeu. No Rio de Janeiro, o Jair não pode fazer nada, assumiu o Castelo Branco. E aí, nós resolvemos tratar de cada qual salvar sua pele para não ser preso e, talvez, morto. Eles intervieram no sindicato. A Delegacia Regional do Trabalho, em São Paulo, designou interventores, tomaram conta. A polícia foi lá, carregou tudo que pôde, documentos, papéis... Alguma coisa a gente ainda salvou de lá, a gente conseguiu tirar a tempo. Mas a maioria das coisas nossas, eles carregaram, quebraram, e passaram a tomar conta do sindicato.

M.Q. — Os interventores eram aqui de Santos?

G.O. — Os interventores eram da própria refinaria. Entre empregados da própria refinaria.

P.R. — Mas vocês já sabiam antes que eles eram comprometidos com essa posição de direita?

G.O. — Não. Pelo contrário. Foi até esquisito: eram os que mais... ou tudo ou nada. Você estava com uma boa proposta, eles achavam que não, que não tinham que aceitar.

P.R. — Mas isso já era deliberado. Eles já tinham recebido ordem para fazer isso.

G.O. — Isto já era orientado, talvez, por essa gente que queria o golpe.

P.R. — Certamente que era.

G.O. — É por isso que eu digo. Falei isso aqui na assembleia, outro dia. Há muita coisa agora semelhante. Certas pessoas que querem acirrar, talvez para justificar um novo golpe no país.

P.R. — E você, ficou em Santos ou saiu?

G.O. — Eu fiquei durante uma semana em Santos, escondido. Depois fui para São Paulo e permaneci em São Paulo o tempo todo.

M.Q. — Ainda voltando ao Aldo Zucca, a entrevista dele, ele disse que os engenheiros se reuniam. Inclusive, nessas reuniões, uma espécie de uma associação que havia sido criada, e tal, eles discutiam essa possibilidade da intervenção, do golpe, e tal.

P.R. — Campos* também fala isso.

M.Q. — Fala. E o Aldo Zucca fala também. De uma associação de engenheiros, de profissionais, a nível mais geral, que teria esse tipo de posição.

G.O. — Alguns engenheiros estavam diretamente comprometidos, a nível de Santos, com os homens do golpe. Tanto que logo em seguida eles foram... Esse próprio Cláudio Godinho era um homem diretamente comprometido com o golpe. O Márcio Leite Cesarino, que foi superintendente e que participou, inicialmente, da Associação dos Engenheiros, estava... A Associação dos Engenheiros aqui era um antro de direita.

* Carlos Walter Marinho Campos.

P.R. — Mas você conseguiu furar essa barreira aqui de Santos, ir para São Paulo, passando por essas estradas aqui todas vigiadas, sem conseguir ser identificado?

G.O. — Ah, eu consegui da seguinte maneira. Nós esperamos um domingo à noite, e veio de São Paulo uma kombi com um estrado cujo suporte das tábuas tinha aproximadamente uns 30cm de altura. A altura do corpo. Então, este estrado, ele era movediço. Eu entrei na kombi e me deitei e eles empurraram esse estrado. A parte que ficava da porta fechada assim, com a tábua. Sabe? Um estrado assim, mas só fechado deste lado. Como se fosse uma gaveta virada de cabeça para baixo. E aí, empurrou, e eu fiquei embaixo. E ele veio com o pessoal no domingo e subiu com esse pessoal. Então, o pessoal... Bancos assim e assim, e o estrado no meio. O pessoal sentado, de noite, ali na barreira, no pedágio, abriram a kombi, todo mundo cantando, não sei o quê... "Estamos vindo de Santos. Piquenique." "Onde vocês moram?" "Ah, moro em tal lugar." "A kombi. Os documentos?" "Ah, é da fábrica tal. É excursão." Eu me lembro ainda como se fosse hoje. A fábrica Copas. Fábrica de adubos Copas. Era um compadre meu que trabalhava lá. Ele veio me buscar e assim nós passamos sem problema. Porque eles abriam os carros, revistavam, olhavam, e tal.

M.Q. — E o Partido a essa altura? O apoio?

G.O. — Infelizmente o Partido fracassou total. Fracasso total. Se esboroou assim... O Partido, como se diz na gíria, foi pego de calças curtas, não é? Foi pego no banheiro, arrumando as calças. Não teve tempo de reagir suficientemente. E se chegou a uma conclusão. Que nós não estávamos preparados ou fomos relaxando pouco a pouco a vida de clandestinidade...

[FINAL DA FITA 2-B]

G.O. — O golpe de 64, já expliquei como é que ele se deu. A nossa saída daqui, não é?

P.R. — Agora, a sua prisão. Você foi preso pelo [inaudível] aí do... Você não foi preso e julgado?

G.O. — Fui. Fui preso. Eu fui preso em fins de 64. E depois em 65. Aquelas prisões de 50 dias, lembra?

P.R. — Lembro.

G.O. — Que ninguém podia ficar mais de 50 dias preso. Então, eu fui preso duas vezes, 50 dias. Depois eu passei, dessas duas prisões, eu passei a responder o processo em liberdade. Que foi de 1964 a 1969. Em 69, eu fui julgado e condenado a cinco anos de prisão. E daí, eu fugi no dia lá da auditoria. Então, cinco anos se transformaram em dez. Porque um condenado à revelia, a pena dele dobra. Não sei se vocês sabem dessa particularidade.

M.Q. — Mas fugiu na hora certa, não é?

G.O. — Então, fugi na hora. Foi justamente um momento muito ruim a da minha condenação. Foi a época do Lamarca, capitão Lamarca. Então, os militares espumando, quem fosse preso estava... podia contar que estava frito, essa coisa toda. E aí, eu consegui fugir nesse período.

P.R. — Como é que foi essa fuga, Silvino. Foi em plena auditoria?

G.O. — Em plena auditoria. Foi a primeira e única, do período de 64 para cá. Porque na auditoria, a gente entrava e quando terminava o julgamento, no intervalo, a gente podia sair. A gente ia lá no bar, tomava um café, voltava, e tal. Nesse dia do julgamento, terminou a audiência do julgamento, o tribunal se reuniu secretamente, numa sala fe-

chada. Então, o secretário da auditoria era um cabo ou sargento da Aeronáutica, amigo de um cunhado meu. Nessa época. Nem me lembro se era de um cunhado meu. Era um amigo nosso.

Durante os anos, você vê, de 64 a 69 eram depoimentos, era audiência, aquela coisa toda que foi se prolongando. Porque eram vários processos que a gente respondia. Um monte deles. Eram volumes de processos dessa altura assim. Então, nesse período, a gente foi fazendo amizade com esses funcionários, com essas pessoas do tribunal. Porque esses eram pessoas que permaneciam lá a vida toda. Os militares eram sorteados periodicamente. Esses não se misturavam. Então, esse rapaz chegou e disse para mim: "Silvino, se você puder sair, vai embora." Mas eu fiquei na dúvida. Eu disse: "Mas por quê?" "Você vai pegar cinco anos de cadeia." Ah, eu gelei. A essas alturas, gelei, fiquei preocupado. E eu fiquei assim. Eu digo: será que não é uma armadilha para eu fugir e eles me darem um tiro? Porque era comum isso. Fugiu! Atirou. Mataram. Foi atropelado por um carro. Vocês lembram disso. Muita morte se deu assim. Que o cara estava fugindo. Eu chamo o meu advogado, chamo dois companheiros e trocamos umas idéias e eles acharam que eu devia fazer o que eu resolvesse, eles não iam interferir. Nem contra nem a favor. Porque eles também, depois, conversando, os anos passados, depois: "Se a gente dissesse para você fugir e você morresse, nós íamos ficar com remorso por ter mandado você. Se dissesse não foge e você fosse preso e dali até o local da prisão eles te matassem, a gente também... Então, faça o que você quiser." Eu decidi sair. Desci uma escada onde estavam dois guardas e o cabo, e disse: "Olha, eu precisava telefonar,

mas o auditor está usando o telefone. Eu tenho que avisar que a audiência ainda vai até a noite. Avisar a minha mulher." Aí, o cara... "Ah, tal... Olha o 'orelhão' ali." E aí, ele... "Ô guarda, abra a porta, o portão para ele sair." Eu digo: "Me dá meus documentos. Senão alguém pode me pedir os documentos ali fora..." "Ah, está certo e tal. Está aqui tua identidade." Me deu minha identidade e aí eu... jummmmba. Fingi que estava no telefone, olhei, quando eles viraram assim, se descuidaram um pouco, eu atvessei a rua e sumi no mundo. E aí, até 79, nunca mais conseguiram me pegar.

P.R. — Mas aí você estava respondendo o processo em liberdade, não é isso?

G.O. — Nesse período eu estava em liberdade, respondendo o processo. E aí, eu estava na minha própria identidade. Por que eu tinha que ir na auditoria, vir, tal e tal. Era eu próprio. Agora, a partir da condenação é que eu resolvi mudar todo meu...

M.Q. — Como é que você conseguiu se manter? Assim, financeiramente. Você foi demitido logo, não é?

G.O. — Ah, de imediato eu fui demitido. Eu me mantive da seguinte maneira. Nos primeiros momentos, eu vendi uma casa que eu tinha, passei uma preocupação para um parente aqui e vendemos uma casa que nós tínhamos. Vendi um terreno e com isso eu consegui me equilibrar um pouco. Nos primeiros momentos, eu não tive grandes despesas porque ficava na casa de um amigo meu, em São Paulo. A mulher e as crianças ficavam aqui na minha sogra. A minha mulher ainda continuou trabalhando na Companhia Telefônica Brasileira durante um tempo.

Num segundo momento, que foi ainda da... que aliviou... Isso nos primeiros dias de 64. Primeiro mês, aquela procura toda, e tal. Quando eu fui preso, no fim de 64, por um descuido qualquer eu obtive, em São Paulo, da própria, auditoria na qual eu respondia o processo o habeas corpus, alvará de soltura, depois de 50 dias de preso. Aí, eu fiquei mais a vontade. Mas, o que é que eu fiz, eu montei um bar. Voltaram uns caras de fora, eu dei cobertura para um deles. A polícia, não sei como, descobriu que eles estavam no próprio bar. Algum tira, alguma coisa, percebeu e, um belo dia, quando eu estou... Ele ficava num bar e eu no outro. Aí, veio um garoto e disse: "Ih, a fiscalização está lá no bar. O sr. Lima mandou o senhor ir lá." E quando eu chego lá, não era a fiscalização, era a própria polícia. Aí, acabou levando a mim e ele conseguiu fugir. Aí, acabei entrando na outra prisão. E aí, consegui novamente, depois dos 50 dias, o juiz deu um esculacho em mim e o diabo, e como eu estava respondendo, me libertou.

A partir dali, eu mudei de bairro e mudei de atividade também. Aí, passei a ser corretor de imóveis. Vender terrenos, e tal. Passei também, conjuntamente, a vender livros. Mas só livros, coleções. Machado de Assis, essas bobagens todas, que não tinham nada que ver com política. Assim fui sobrevivendo. Depois, acabei montando uma papelaria. Eu e minha mulher. Minha mulher acabou... Resolvemos alugar uma casa, depois ela largou o emprego, aquela coisa toda, e montamos uma papelaria e uma livraria e aí sobrevivemos. Inclusive com a condenação. Porque aí eu, durante os primeiros tempos da condenação, ficava mais para trás e ela na frente. Depois, a gente vai se adaptando, vai...

M.Q. — Mas eles não vieram lhe procurar? O senhor estava ali, não fugiu? Ficou ali mesmo?

G.O. — Não. Não, Porque nós fizemos o seguinte. O meu endereço era daqui, eles me procuravam aqui. A gente espalhou uma notícia que nós tínhamos ido para o Norte, para o Amazonas. Então, eles nos procuravam no Norte. Nós estávamos no Sul. Você entendeu? São Paulo é um negócio interessante. Se você não se meter numa encrenca qualquer, passa. Na frente da minha casa morava um investigador de polícia. [risos] E nunca ele pensou... Ele só foi tomar conhecimentos que eu tinha alguma coisa quando veio a anistia e tudo mais, aquela euforia toda, que a vizinhança veio saber quem a gente era. Mas nunca...

M.Q. — Mas o senhor tinha uma nova identidade, não é?

G.O. — Ah, tinha. Tudo direitinho. Olha aí a minha identidade profissional.*

P.R. — Como era o nome?

G.O. — Flávio Lopes. Carteira, contratos de trabalho farrujutos, carimbos de firmas e tudo mais.

P.R. — Eram firmas hipotéticas.

G.O. — Eram firmas inventadas. Contribuição sindical farrujuta também. Era uma carteira que não tinha problema.

P.R. — Agora, Silvino, você foi submetido a interrogatórios militares, não foi?

G.O. — Fui.

* O entrevistado mostra a sua nova identidade, - a sua antiga identidade, usada durante o período da repressão.

P.R. — Como é que eram esses interrogatórios? Que tipo de pergunta os coronéis faziam?

G.O. — Nossos interrogatórios foram muito em função da refinaria. Quem mandou contaminar gasolina. Se eu recebia instrução de Moscou. Se eu era membro do Partido Comunista. Aonde nos reuníamos. Era esse o tipo de pergunta.

P.R. — E quando eles não se satisfaziam com as respostas? Eles ficavam irados, qualquer coisa assim? Ficavam embrutecidos?

G.O. — Olha, eu só tive um momento que eu temi. Foi quando eles pegaram uma duplicata que tinha a assinatura de um amigo meu, Vitelbino Ferreira de Sousa. Ele assinou, mas pôs o nome Francisco de Lima não sei do que lá. Mas, a letra dele é característica de um semi-analfabeto. Então, ele sabia que o Vitelbino estava em contato comigo. Então disseram: "Olha aí, esta duplicata, promissória..." Foi um negócio que nós pagamos ou que ele pagou para mim, e que eu... eu paguei... Não sei. Não me lembro bem como é que foi que aquela maldita promissória foi aparecer. Então, eles pegaram aquilo. Então, esse Vitelbino foi para o México. Eles queriam saber como é que se ele estava no México, como é que ele... Porque aquela letra era dele, não havia dúvida. Aquele era o nome farjuto dele. Então, aonde é que ele estava? Eu não sabia, realmente, aonde ele estava naquelas alturas. Porque ele se mandou.

Quando ele se aproximou lá do bar e que percebeu que era a polícia do Exército que estava lá, ele se mandou e mandou um recado para me avisar. Mas o garoto acabou... Eu desconfio que a polícia pegou ele - "Aonde é que o senhor vai? "Ah, vou avisar o seu Oliveira." Eu usava, ain-

da era legal, usava o nome, o último nome, menos conhecido, de Oliveira. E aí, quando eles me pegaram, queriam saber do Vitelbino. Já aqui em Santos, no interrogatório. Me trouxeram de São Paulo para cá. E aí, esse Erasmo* pegou o revólver e enfiou aqui na**... "Ou você diz ou eu vou te estourar os miolos". Eu digo: "Vai, eu, se eu pudesse dizer, eu dizia, não é? Se o senhor estourar os meus milos, aí... acabou tudo. E ponto final."

Mas eu não falei assim, com essa naturalidade, não é? Eu falei... Nessas alturas eu me senti morto. Eu balbuciei assim a coisa. Porque eu me senti morto naquela hora. Só. Esse foi o momento mais crucial. Fora disso, a não ser a solitária, que me deixaram isolado dois dias numa solitária. Um problema, eu na solitária, eu não sei se era o próprio cara que gritava, ou era alguém de propósito, ou até alguém que estava sendo torturado - "Ai, ai." Uma hora disse: "Ai, meu saco! Ai, ai". Aquela coisa toda e eu ali naquele troço escuro, isolado. Só isso assim. Não tive mais. Isso na primeira. Na segunda já não me fizeram mais nada. Porque aí eu já estava com a liberdade vigiada, estava sub judice e não podiam fazer mais nada.

M.Q. - Agora, o senhor disse que no tribunal haviam depoimentos. Quem eram os seus acusadores? Eram as pessoas aqui da refinaria?

G.O. - Ah, isto é que é interessante. Aquelas pessoas que eu julgava que eram os meus melhores amigos, desculpe o termo, se cagaram todos. Intimados a depor, quase todos

* Coronel Antonio Erasmo Dias, na época major.

**Indica a t mpora.

depuseram contra mim. Não sei se foi... Não é só contra mim. Contra todos os líderes sindicais.

"Ah, ele realmente é que mandava fazer isso. Ele que recebia instrução. Ele que recebeu a filha do... o genro do Krushev, do... Aquele negócio, negócio daquela...

P.R. — Adjubei.*

G.O. — Negócio daquela... que estava dos sputniks, lembra, que vieram ao Brasil. Essa coisa toda aí. Então, depois, eu pedindo certidões em cartórios, é que eu fui ver que as pessoas eram os meus melhores amigos. Alguns eram desse tipo que eu te falei. Eram os mais...

P.R. — Radicais.

G.O. — Radicais, que foram ser os interventores. Daí, tem uma certa razão aquela explicação do cabo Anselmo em relação aos marinheiros e a outros movimentos no campo e no Exército. Tem uma explicação que isso era uma orientação, e era uma orientação da CIA. Se passar por esquerdista, por radical, apenas para provocar ou para identificar as pessoas. Muitas das vezes nós caíamos na esparrela, como se diz na gíria.

M.Q. — Tem um episódio que eu estava vendo aqui, em 62, que é exatamente o momento em que me parece que há uma cisão dentro da própria refinaria, entre os seus funcionários. Que é o momento em que há a renúncia do superintendente Otto Martins Lima, em 62. Pelo menos é o que eu anotei aqui. E que gera, isso vai gerar uma espécie de abaixo-assinado, não foi?

* Nome do genro do Krushev.

G.O. — Foi.

M.Q. — E que aí o sindicato acaba... uma série de pessoas vão ser demitidas, o sindicato indica diversas pessoas para os cargos, então. Eu acho que isso foi um ponto... Eu queria que o senhor me explicasse bem esse episódio do abaixo-assinado, em 62. Maio de 62.

G.O. — Não, esse é o momento... Foi na saída do Otto. E que também saiu esses caras aí, se não me engano, o próprio Zucca, o próprio Godinho. Saíram juntos. O abaixo-assinado era o próprio pessoal, trabalhadores que fizeram.

M.Q. — Exatamente. Contra essa administração.

G.O. — Pedindo a retirada dessa administração, que era um triunvirato. Era o Otto, era o Zucca, que era do...Hoje...

M.Q. — Ele tinha acabado de voltar de Nova York.

G.O. — Isso. E o pessoal já estava irritado com ele. Porque em Nova York ele ganhava periculosidade, no escritório de Nova York. Não era o único, não é? Mas ele ganhava. Nós tínhamos aqui na refinaria gente que trabalhava junto do perigo e não ganhava. Daí é que nós conseguimos também estender a periculosidade para todo mundo.

M.Q. — Aliás, é interessante! Lendo os relatórios da refinaria, observei que só em 58, 57 para 58 é que vai se conseguir a insalubridade, não é? Me parece que a insalubridade é estabelecida aí.

G.O. — É. Exato. Inicia-se com a insalubridade. Depois, num processo, nós chegamos à conclusão que era melhor a periculosidade. Porque insalubridade tem vários graus. Ela tem média, baixa e alta. Ela tem também um percentual menor. Ao passo que a periculosidade, ela é geral e é 30% em geral. Então, de acordo com a legislação, você pode optar.

Quando há a periculosidade e a insalubridade, você pode optar pela periculosidade. Porque a insalubridade, você pode evitá-la. Por exemplo. Está saindo um cheiro muito forte de um determinado ralo, de uma tubulação, tem um ralo e ali sai aquele cheiro horrível, insalubre, certo? Então, você pode evitar aquilo. Agora, a periculosidade, você não pode evitá-la. Por exemplo. Está lá funcionando um gerador de gás. Então, se aquilo explodir, você não tem como evitar. Mas você ganha periculosidade por estar próximo daquilo.

M.Q. — É. E as condições de trabalho na refinaria nesses primórdios não eram das mais seguras. Houve mortes lá. Inclusive, vários operários, em 58, num acidente.

G.O. — É. Nós tivemos um grande incêndio no que nós chamamos da Unidade N, na qual morreram dois operários queimados. Mas totalmente esturricados. Um incêndio que iluminou todo o céu aqui. Eu morava no Gonzaga*, lá perto de onde vocês estão. De lá, a gente olhava aquele clarão. A minha mãe olhava, via aquele clarão lá. Nós saímos de dentro de... Muita gente, ó...** Só ficou a parte dos bombeiros lá dentro. Nós, em Cubatão, do outro lado do rio, nós sentíamos o calor do fogo. Os rapazes morreram queimados. Totalmente. Deste tamanho eles ficaram.

P.R. — Silvino, eu queria agora que você fizesse uma espécie de avaliação das características do movimento sindical, principalmente na área de petróleo, nessa fase atual da vida brasileira, de transição democrática que nós atravessamos. E que você até, se fosse possível, fizesse, estabele-

* Bairro de Santos

**Indica que correram para longe.

cesse uma diferenciação entre os processos de luta de hoje e os processos de luta de antes de 64.

G.O. — Nós temos o seguinte. Se em 64 nós tínhamos apenas quatro sindicatos e algumas associações, nós marchávamos para cinco sindicatos, para poder criar uma federação. Hoje nós temos 16 sindicatos e uma associação. Então, apesar da ditadura, apesar de tudo isso, a partir dos anos 70 para cá, 75, mais precisamente, para cá, o fim do "milagre", começou haver uma certa... avanço do movimento sindical, em geral. Em consequência também do petróleo. Nós estamos com 17 sindicatos, 16 sindicatos aí. Então, começou uma boa movimentação. Mas com negociações muito difíceis, que só tiveram algum avanço a partir de 1979. Que, por coincidência também, foi os áureos momentos do movimento sindical do ABC, de 1979. É uma coisa influenciando a outra. Nós avançamos é a partir daí. A partir daí que foram firmados alguns acordos coletivos...

[FINAL DA FITA 3-A]

G.O. — ...para decidir coletivamente junto da empresa. Ele é fruto mesmo da própria abertura democrática que vai possibilitar isso. Mas dificilmente chegando à radicalização através da greve. Havia, isso sim. Muitos movimentos tipo amnésia, operação padrão, luto, cara feia, não cumprimentar o chefe, esse tipo de protesto que teve seu valor num determinado momento.

Mas hoje, no nível que nós já estamos, a empresa já se acostumou com isso. Não leva mais a sério. Mas nos seus primeiros momentos, essa operação amnésia, puxa vida! Teve gente que foi para a rua por causa disso. O que é

operação amnésia? Todo mundo resolve esquecer o crachá em casa. Ninguém pode entrar dentro da empresa, e particularmente naquela época, sem o crachá. Você já viu duas mil pessoas na porta da refinaria, um a um justificando que esqueceu o crachá? Levava duas, três horas. É uma espécie de greve...

M.Q. — Legal, não é?

G.O. — Legal. [riso] Porque era através de um atraso. Depois, vieram os próprios atrasos dentro da empresa. Chegava, descia do ônibus a dois quilômetros e ia andando. [risos] Até que a gente chegou ao ponto que nós estamos. Aí surge na empresa também a CUT. Então, aí, começam duas concepções sindicais a se digladiarem. Nós temos uma postura, a CUT tem outra. Nós lá fomos para as nossas posições tentando como? Conquistar as coisas para os trabalhadores sem a necessidade do confronto. E até, se possível, sem a greve. A greve para nós é a última arma. Porque a greve pode ser a nossa sorte como a nossa ruína. Depende de como ela termina, não é? A greve é uma arma que ou você ameaça e deflagra mesmo, e o outro lado bobeia, e a gente acaba com ele e passa por cima. Ou ele tem mais... Como é que se diz? Aquele negócio do cara que reage...

P.R. — Jogo de cintura.

G.O. — Ou jogo de cintura ou... Quando o cara exige dele raciocínio rápido. E ele reage rápido e aí, você com a arma, ele te toma a arma, ainda te dá um tiro.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

P.R. — Uma pergunta. É o seguinte, Silvino. Hoje, realmente...

G.O. — Bom, eu quero até concluir essa fase com o seguinte. Depois de todos esses anos, condenado, absolvido, anistiado, eu retorno, em 85, e em 88, eu passo a disputar uma eleição sindical cujo programa e plataforma... cuja mensagem e plataforma é isso que aí está, que vocês levam para ver.* Foi o único material que eu fiz. Contra 32 boletins e jornais do pessoal da CUT. Foram 25 dias de prazo para fazer a chapa, para concorrer as eleições e ganhar. Ganhamos por 1600 e tantos votos: 60% a mais do que os nossos adversários, competidores.

P.R. — Desse total de 17 sindicatos que você falou aí, dentro da Petrobrás, quantos estão filiados à CUT?

M.Q. — Agora, o senhor voltou à política através do PMDB, a política partidária, através do PMDB, não é? O senhor se elegeu, inclusive, vereador.

G.O. — É. Em 1982, eu retornei a Santos. Então, como eu não pude retornar para a refinaria, porque na época também a empresa não concordou com nosso retorno, então, nós acabamos... Coincidentemente, naquele momento havia as eleições para governadores, vereadores, deputados estaduais, federais. E os senadores. Eu acabei concorrendo à eleição de vereadores. E me elegi vereador pelo PMDB. Agora, seis anos depois, eu concorro novamente, mas numa situação difícilíssima. O PMDB, numa fase de decadência, teimoso... Porque eu achei que se o PMDB me acolheu naquele momento que eu não... eu estava há vinte anos, praticamente, fora de Santos, não é? Ele me acolheu, me deu a...

P.R. — A legenda.

* O entrevistado entrega material de sua campanha para a presidência do sindicato.

G.O. — Eu não devia... Eu não tenho a... Porque nós não temos, aqui em baixo, nós não temos culpa do que ocorre em Brasília, do que ocorre com os governadores. Então, eu resolvi me manter no PMDB e arcar com o peso do desprestígio. Acho que até paguei um preço por isso. Em qualquer outro partido de oposição, à exceção do PC, cujo desempenho em Santos foi muito abaixo de... Mas, você vê, o Partido Socialista, conseguiu eleger vereador. O PT conseguiu eleger vereador e até o prefeito. Eu acho que talvez num outro partido... Até o PTB elegeu gente. Então, talvez, num outro partido, eu me elegeisse facilmente. Eu não sei. Talvez a greve. Quer dizer, é uma contradição. Nós em greve, o trabalhador deveria entender que... Mas o trabalhador tem uma coisa esquisita. Ele não aceita muito que o dirigente sindical seja político. Não sei se vocês notaram já isso.

P.R. — Já. É como no meio estudantil. Também é... Pelo menos no meu tempo era assim.

G.O. — Eu tive agora a nítida impressão que, se quando eu não era dirigente sindical, eu tive um apoio massivo da própria categoria, que pouco me conhecia, a não ser dos antigos, agora, como presidente do sindicato, com uma categoria em greve, que bastava só o voto de cada um para me eleger, sem sair daqui. Senti que a votação para mim, a votação que eu tive, de 1.600 e poucos votos, foi muito mais de fora do que de dentro. Então, eu atribuo isso a alguns companheiros meus. A turma disse: não vamos elegê-lo. Porque senão nós vamos perder ele. É melhor que ele fique no sindicato do que na Câmara. Você entendeu como é?

P.R. — Entendi perfeitamente.

G.O. — Essa coisa, é uma análise que eu faço disso e que eu acho que foi a razão. Pois eu estava na eleição, no momento da eleição, eu estava no auge da greve. E o que eu dissesse... Para você ter uma idéia, eu fui, no dia 11, um grupo estava dentro da refinaria, 180 homens, a empresa quis segurar esse grupo lá. Eu saí, liguei para lá e disse: "Batam o ponto e fiquem no restaurante que eu estou indo para aí para nós sairmos." Cheguei lá, eles tinham batido o ponto, estavam todos compactos. Eu cheguei, subi num banco de cimento... "Olha, ninguém vai ficar aqui dentro. Não há ordem que nos segure. Vamos embora. A greve começou para nós." Todo mundo atrás. Superintendente: "Mas não pode sair." Eu disse: "O senhor tenta então a ordem do Rio para liberar o pessoal." Ele ligou para o Rio. "Não pode." Então, digo: "Olha, o superintendente não pode liberar. Nós vamos sair contra ele mesmo." E aí saímos. Não ficou um lá dentro. Então, eu estava no auge do entusiasmo.

No dia da eleição nós estávamos no ponto crítico, alto. Então, não havia porque. Mas eu senti que um votou no Zé Macaco, outro votou no parente, outro votou no amigo do clube. Não votou em mim, talvez, exatamente por esta razão de "Nós vamos votar nele, ele se elege vereador, é capaz que ele, nessa euforia, nos abandona aqui." Porque o salário do vereador agora vai ser quase dois milhões, a partir de janeiro. Um absurdo, não é? Agora é 600 mil. Mas vai ser votado o salário do vereador agora, a partir de janeiro, para quase um milhão e novecentos e uns quebrados. Baseado não sei em que dados que vieram de Brasília.

M.Q. — Agora, em 84 ou 85, não tenho bem certeza em qual dos dois anos, o Partido Comunista volta à legalidade. O se

nhor estava no PMDB e não volta a contactar, não passa para o PC novamente, não é? Eu queria que o senhor fizesse... me explicasse por quê?

G.O. — Talvez porque eu ainda não tenha me curado do fato de 64, quando eu tentei procurar o Partido, eu não o encontrei. Até para isto aqui, não é? Um documento, uma carteira falsa, qualquer coisa. Isso tudo nem o Partido estava preparado. Infelizmente não estava. Houve um momento que a gente ainda tentou uma pequena articulação de alguns comunistas esparsos. Mas eu cheguei à conclusão que em vez de nós sermos ajudados, nós é que tínhamos que ajudar. E aí, para não morrer no meio do caminho, eu e outros resolvemos cada um puxar... tratar da sua sobrevivência. Da sua proteção e da sua sobrevivência. Eu passei um longo tempo afastado de qualquer contato com os comunistas. Mesmo isoladamente, como pessoa. Era até uma medida de precaução entre nós. Eu acho que muita leitura, maneira de pensar... Você sabe que nesse meio tempo veio para o Brasil essa literatura muito... O Gramsci, o chamado humanismo marxista, esta coisa que impregna muito a gente. Eu tinha tido aquelas experiências do dogmatismo marxista, aquela maneira tacanha, ditatorial do Partido comandar a gente. A gente começa... "Será que se eu voltar não vão fazer de mim, novamente, uma espécie de um robzinho para cumprir tarefas, e coisa, e tal." Quer dizer, são dúvidas que ficam na nossa cabeça. Não é o anti-comunismo. Se eu disser para você que eu seria o anti-comunismo, seria o absurdo. Porque todo comunista, mesmo que ele deixe de militar, dificilmente ele cai no anti-comunismo. É raro o caso. Acho que na história, talvez, uns três ou quatro ocorreram. Só ocorre por... talvez por corrupção ou qual

quer coisa. Ou numa fase de delação total, então, o cara entra no desfiladeiro do anti-comunismo.

A minha situação em relação ao Partido é a seguinte. Uma teoria que a gente inventa para justificar, eu acho até, é a teoria que eu inventei, é que um comunista atua melhor numa organização que não é comunista... Ou seja, aquela tese do Lenin, que o comunista deve estar sempre ligado a uma organização de massas. Eu acho que o PMDB é uma organização de massas. Partidária, de massas. Aqui em Santos, por exemplo, nós temos hoje, com toda essa crise de desalento, temos 15 mil filiados, 15 mil filiados. Eu, pessoalmente, tenho ligado a mim mais de 500 pessoas filiadas por mim, em contato permanente, etc. Ao passo que o Partido talvez não tenha 500 filiados, ele como um todo, em Santos. Em Santos. Talvez não tenha 15 mil no país. Eu fiz esta teoria, me escudo nela. Não sei se isto é um oportunismo. Talvez seja. Eu até reconheço isso. Então, aconteceu o seguinte. Eu estabeleci o seguinte com o Partido. Eu mantenho uma relação de convivência pacífica e de colaboração com o Partido. Durante a minha gestão aí, depois que o Partido entrou na legalidade, vira e mexe, eu leio as mensagens do Partido, participo de sessões solenes do Partido. Como convidado e amigo. Contribuo para o Partido. Eu sou assinante da Voz da Unidade. Você vê agora, me liga lá de São Paulo, "O cara, precisamos fechar a matéria aqui. E tal. Eu precisava de tua opinião." É uma opinião que eu dou a ele que está dentro da linha partidária. Agora, não quero militar. Eu tive agora uma proposta do Partido, a seguinte... Antes das eleições eu deixaria o PMDB, passaria para o Partido e sairia como candidato preferencial do Partido. Pela proje-

ção do sindicato, pela... O Partido se ressentido de quadros de massa. Você vê. Quem é que o Partido elegeu lá no Rio de Janeiro? A Ruça, a tal Ruça, mulher do Martinho da Vila...

P.R. — E o Milani.

G.O. — E o Milani. São duas pessoas que têm uma projeção mais de massa do que mesmo de comunista. Porque o brasileiro é gozado. O brasileiro ainda não perdeu o maldito preconceito do comunista, aquela coisa toda. Nós temos aqui na nossa diretoria o Tanar Corrêa* que é comunista. Ele foi presidente em exercício do PC, em Santos. Eu pus ele na minha diretoria um pouco forçado. Não porque o pessoal não goste dele. Porque ele é um cara simpático, é também metido a artista, negócio de teatro, e tal. Trabalha na refinaria. Cabeludão, aquela coisa toda do revolucionário. Mas a turma... Ele tem a mania de... é aquele distintivo aqui, a agenda dele é a foice e o martelo. A turma disse: "Silvino, pelo amor de Deus, vai queimar a nossa diretoria. Não põe ele." Eu ia querer ele lá em cima. E tive que pôr ele mais em baixo. Mas está aí. Temos um bom relacionamento. Saiu candidato a vereador também. Pegou uns 300 e poucos votos. [riso]

M.Q. — O senhor acha que se estivesse no PC, não puxaria votos para a legenda?

G.O. — Eu não. Eu acho que talvez eu ficasse na mesma. Agora, o PC não... como opção ideológica é ainda uma coisa que está sempre no meu caminho. Eu rodo para cá, rodo para lá, em termos de pensamento, mas estou sempre pensando

* Athanazildo Corrêa Neto

no PC, nas coisas do PC. Mas eu reajo. Não sei. Não sei se é porque a gente chega a uma idade, você não se sujeita mais àquela coisa. Aquele, - olha, hoje tem reunião da base. Hoje tem pichação, hoje tem panfletagem. Ou, estão aqui cinquenta rifas para você vender. Eu não gosto disso. Eu prefiro o seguinte [interrupção]

O cara chega com a rifa, eu prefiro comprar logo os dez números que chegar - "companheiro, você não quer comprar uma rifinha aqui de uma viagem a Cuba?" Qualquer coisa. "Ou de uma coleção do Lenin?" Eu prefiro eu comprar e pronto. Porque a gente, na nossa idade, já não dá mais. Não sei. Pode ser que na próxima vez que a gente se encontrar, talvez, eu já tenha...

M.Q. - Entre os operários, essa posição de comunista atrapalha também? Entre os operários da refinaria?

G.O. - Eu não sei. Porque eu mantenho o seguinte. Uma posição...

M.Q. - Perguntando de outra maneira. Os operários têm esse preconceito com o comunista, e tal?

G.O. - Eu acho que o trabalhador ainda não superou esse preconceito. Eles admitem o marxista, admitem o socialista, mas comunista, parece que é uma palavra que...

P.R. - Marca.

G.O. - Deixa o cara meio assustado.

P.R. - Silvino, o país hoje, apesar da crise econômica e apesar da falta de confiabilidade do governo, a gente atravessa realmente um período de vivência democrática bastante auspicioso e bastante legítimo. Agora, você, dentro dessa liderança sindical assim, você teme alguma possibilidade de um golpe?

G.O. — Eu confesso a você que sim. Por que é que eu acho que o golpe pode se dar? Porque a sociedade brasileira, ela ainda não se fortaleceu suficientemente dentro do regime democrático. Você vê que ocorre uma violência inominável como a de Volta Redonda, que a sociedade precisava se levantar em protestos vigorosos. O Congresso Nacional, pelas suas expressões mais democráticas, se reunir, os sindicatos se juntarem em assembléias coletivas, não é? E nada. Nem perto lá acontece movimentos assim de protestos massivos. Morrem os operários, mais de três, não sei quantos lá, e até agora isso tende ao esquecimento.

P.R. — Mas você não acha que isso decorre muito mais da precariedade da organização do que propriamente do sentimento do povo? Porque a revolta foi geral. Todo mundo que conversa com a gente está revoltado.

G.O. — Mas exatamente isto. É exatamente isto o que eu quero dizer. Não basta a revolta na nossa cabeça. É preciso que esta revolta se faça sentir pela movimentação popular. Então, vamos admitir, morre lá. Agora, se houver um golpe aqui, como é que esse golpe pode se dar? Até pode ser um golpe branco. Do dia para noite chega um lá: "Olha, Sarney, você está - desculpe o termo - um bunda mole aí. Vamos te tirar. Vai lá para o teu estado e a partir de hoje quem vai comandar aqui é o general Ivan Mendes e outras raposas da política militar." Eu garanto a vocês que é capaz que essa gente seja aplaudida. "Olha, tiraram o Sarney. O general tirou o Sarney." Então, um golpe. Então, pode haver um golpe, até, vamos dizer, tropa na rua, e o povo não reaja. E até venha bater palma, confundido...

P.R. — Porque não associa a pessoa do Sarney à defesa da

legalidade democrática. O povo raciocina o seguinte: ele sai para melhorar. Agora, ele não sairá, que nós sabemos disso, a não ser através de um movimento ilegal, de um movimento golpista.

G.O. — É.

P.R. — Não há possibilidade dele sair fora disso. A menos que o Congresso decrete impeachment.

G.O. — Ah, não, não sai.

P.R. — O que é pouco provável. Então, se ele sair, antes do prazo dele, é porque foi em decorrência de um golpe. Aí, então, eu tenho a impressão de que pelo menos a classe média...

G.O. — Eu acho que nós tivemos, em consequência da nossa greve e a de Volta Redonda, se eclodisse mais umas quatro ou cinco...

[FINAL DA FITA 3-B]

M.Q. — Seu Geraldo, eu ainda queria lhe perguntar uma coisa. Como é que o senhor vê essa questão do PT assumindo o poder em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio Grande do Sul,* Vitória, Santos?

G.O. — Eu vejo o seguinte: os partidos políticos existentes no país, os chamados partidos democráticos, liberais, eles não apresentaram para a escolha popular nenhuma liderança de prestígio e carismática. Não só porque não existe, como também porque a liderança de prestígio e carismática é fruto de um desenvolvimento da sociedade. Então, neste período tumultuado, entre a abertura democrática, no qual milhões de pessoas entraram em cena, os partidos se reestruturaram.

* Porto Alegre.

turaram e se estruturaram, mais de 15 partidos, nós não tivemos em nenhum partido nenhum homem agora para concorrer às prefeituras em todo o Brasil, dizer: este é um homem carismático, e tal. Isto a nível principalmente de PMDB. A nível de tucanos,* havia alguns, mas o partido não tinha estrutura para conduzir.

A nível dos PCs, infelizmente não estão ainda, o PC, tanto o PC do B, que é ultra-radical, é o albanês, é uma idiotice, em termos de ideologia. Quer dizer, nós vamos seguir a ideologia dos albaneses, um troço meio esquisito. O nosso PC tradicional não se adaptou à altura para ter líderes para competir. O que redundou? O partido de massas hoje, de esquerda, é o PT. Nesta desilusão, nesta revolta contra tudo que aí está, a própria Igreja fez coro com o PT, através da tal cartilha das igrejas, das pastorais aí, não é? Você viu em São Paulo, Dom Angélico se atolou até os olhos na campanha da eleição da Erundina. Tudo isso influiu no sentimento popular. Milhões de pessoas, milhares, votaram no PT, apenas como uma revolta, protesto contra isso que aí está. Não é um problema ideológico, simpatia ideológica. Agora, votaram porque não tinham outra saída. Nós não demos a eles outra opção adequada e à altura. Porque os partidos atuais, existentes, estão impregnados do individualismo, daquela política de clientela, da política da coisa financeira e da troca de cargos.

As máquinas governamentais a gastar dinheiro e a apoiar certos candidatos. Os cabos eleitorais, tanto aqui como em São Paulo como no Rio Grande do Sul, em sua maio-

* Símbolo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)

ria, eram funcionários dos quadros do governo. Iam para lá muito mais para não perder o seu emprego ou possível promoção do que mesmo por um problema ideológico-partidário. Ao passo que o PT não. O PT contou em seus quadros eleitorais com gente comandando, gente que vestiu a camisa mesmo, e até sem camisa, para melhor agir. O PT não tinha boca de urna, mas eles estavam dentro do próprio local de votação cabalando voto. Alguns eram mesários, eram escrutinadores. Montaram, talvez, a melhor máquina secreta. E deu no que deu. Então, a gente olhava - ah, pô não tem cabo ele... boca de urna. Entrava lá, o cara estava lá dentro. "Oh, você não tem em quem votar? Vota na Telma. Vota na Telma."* Às vezes, o próprio mesário era do PT. "Ó, se não tem em quem votar, vota na Telma." E aí é isso que está aí. Agora, isso é positivo. Do ponto de vista social, eu acho positivo. Eu não sou petista, jamais seria, porque ali dentro é fogo. Ali é uma miscelânea de trotskismo, de convergência socialista, um bocado de gente ali que não... Até o anti-comunismo existe no PT. Então, dificilmente eu iria para lá. Mas, verdade tem que ser dita, eles souberam explorar e bem. E mais. Souberam jogar uma coisa que está no momento em moda. A mulher, não é? Erundina, Telma.

P.R. - Não teve uma em Vitória também? Não foi? Não foi mulher?

G.O. - Vitória também?

M.Q. - Não. Não. Vitória não. Vitor Buaiz.

G.O. - E ganharam em todas as cidades operárias mais impor-

* Candidata vitoriosa nas eleições de 1988 a prefeitura de Santos pelo PT.

tantes do país. Não ganharam no Rio de Janeiro porque o Marcelo Alencar era realmente um candidato muito forte. Mas tiveram mais voto que o homem da Távola lá. Artur da Távola.

P.R. - Foram segundo.

G.O. - Agora, por que é que eu acho até interessante isso? Porque nós vamos ver agora se o programa, a palavra do PT se transforma na realidade do dia-a-dia do governo. Nós vamos ter isso agora, breve, breve, em janeiro, aqui.

M.Q. - Tem a questão da moralidade pública também no PT.

G.O. - Na questão mesmo da moralidade pública, eu tenho as minhas dúvidas. Porque o PT prometeu emprego para muita gente. E eu não sei onde eles vão arrumar lugar para pôr toda gente a quem eles prometeram emprego. Não é que prometeram. Eles estão cheios de desempregados. O PT é um ninho de desempregados, de lumpens e outras coisas mais. Viados e bichas e... É. Eles protegem as prostitutas, não é? Então, toda essa gente, na hora que a Telma for ou a Aureliana, "ah, me arruma uma boquinha lá, de assessor ou de qualquer coisa lá." Aí começa abrir, abrir, abrir, daqui a pouco eles estão fritos.

Porque a máquina estatal, ela é permeável também. E para eles se manter, eles vão precisar fazer isso. Aí vem o outro lado da medalha. Quando o povo - cadê as casas, cadê os impostos que iam baixar e não baixaram, cadê o transporte que ia ficar congelado e não ficou, cadê os empregos, cadê as avenidas largas e floridas?...

M.Q. - Isso não é um reforço para o golpe outra vez?

G.O. - Os ecológicos...

M.Q. — O fracasso do PT, administrativamente, não é um reforço para os argumentos da direita?

G.O. — Será. Será também.

P.R. — Não. Aí, eu acho o contrário.

M.Q. — Eu acho que o povo já...

G.O. — Eu acho que será também. Porque na medida em que ele começa a fracassar, ele começa a radicalizar. Você entendeu? Explico melhor. Vamos dizer o seguinte. A nossa amiga Erundina não consegue resolver o problema da miséria urbana, da falta de casa, não sei o quê. Então, o que ela faz? Ela entra no desespero. Então, ela começa a radicalizar contra o governo. Uma coisa é o povo contra o governo. Outra coisa é um governo contra o outro. Porque aí ela não é mais uma cidadã comum. Ela é a prefeita. Então, o governo - a prefeita de São Paulo está atacando, está pedindo a derrubada do governo. Aí, sim. Aí há o perigo. Eles vão radicalizar. No desespero por não poder cumprir as suas tarefas, eles radicalizam.

M.Q. — E com isso a direita justifica a tomada do poder.

G.O. — Aí a direita justifica. Por que é que nós achamos que... E aí a minha teoria coincide com a do PC. Porque nós entendemos que a mudança social só se faz, primeiro, quando ela estiver realmente amadurecida, as condições objetivas amadureceram e tudo. Que não dá mais para continuar como está. Segundo: quando nós estivermos preparados para movimentar milhões de pessoas para esta mudança. E terceiro: quando fizermos esta mudança, ou numa situação de semi-armado, uma conjugação aí de força, com pressão política, nós temos que ter quadros aos milhares capaz de segurar o novo poder. O problema nosso não é tomar o poder. É

manter o poder. Não é isso, Plínio?

P.R. — É. Claro. É.

G.O. — Essa é a grande problemática das revoluções sociais no nosso tempo. Porque tomar o poder às vezes é fácil. Um golpe de mão, a gente toma o poder. E para mantê-lo? E para implementar uma política de simpatia?... Por que é que o Allende não conseguiu se manter no poder? Foi fácil ele chegar a eleição aquela coisa toda, a Frente Popular do Chile, na época, não é isso? Mas quando o inimigo começou através dos caminhoneiros, a não trazer os produtos para a capital, e falta carne e falta isso, e falta o leite, e o povo se revoltando. Os homens chegaram lá, com três tiros, acabaram com tudo, e ninguém mais pôde resistir. Está lá. Até hoje. Parece que agora vai mudar. Mas até hoje está assim.

P.R. — Exato.

G.O. — Bom. Então, vamos fechar? Qual é o fecho?

M.Q. — Não. É só deixar agora, se o senhor quiser acrescentar alguma coisa, agradecer a entrevista que o senhor nos concedeu. O microfone é seu.

G.O. — Eu quero dizer o seguinte, para concluir tudo que eu disse. São palavras e pensamentos que foram saindo da cabeça da gente...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

G.O. — Tudo o que eu disse aqui foi saindo naturalmente. Não houve assim um ensaio, preparado, como se fosse elaborar um tratado. Eu quero, então, concluir com vocês o seguinte. Eu penso que nós vamos, agora, entrar, se conse-

guirmos afastar do nosso caminho qualquer ameaça de retrocesso, e é por isso que eu luto pela consolidação da democracia. Porque o regime democrático, mesmo burguês, bem consolidado, ele nos possibilita avançar, a fortalecer, a nos organizar, tudo mais. Então, superada essa fase um pouco... que nós chamamos de transição - para mim a transição ainda não se deu total. Ela só vai se dar, realmente, em termos institucionais, quando elegermos o presidente da República. Certo? Aí, sim. Se elegermos um homem conservador, nós teremos um governo democrático e conservador. Se elegermos um progressista, teremos... Dificilmente elegeremos um Lula. Eu posso até apostar com vocês. Eu aposto com vocês que não chegaremos a eleição com Lula.

P.R. - Também acho.

G.O. - É possível que cheguemos com o Brizola. Nunca com Lula. Porque o Brizola é mais maroto, não é?

P.R. - Experiente.

G.O. - Ele... de vez em quando ele está jogando um confetinho nos militares, não é isso? E, acima de tudo, é um caudilho. Então, é possível.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

G.O. - Acabou, não é? Eu não me lembro nem onde eu estava.

Democracia e tal. Então, eu acho que nós, superando esse momento difícil, vamos entrar numa fase de afervescência sindical, de remodelação da vida sindical e acredito até na superação dessas divergências profundas que separam o movimento sindical. E aí sim. Aí, daremos um salto de qualidade no movimento operário brasileiro. Nós temos que

entrar agora, e o nosso sindicato vai fazer isso em dois sentidos. No sentido de educação política sindical dos trabalhadores, com a formação de lideranças e de dirigentes sindicais, e do outro, num aperfeiçoamento profissional. Porque nós sentimos, quanto melhor é o profissional, mais força ele tem, mais a empresa precisa dele, mais ele se sente forte. Porque se ele sair dali tem 50 empresas à sua procura.

Quanto menos qualificado ele é, mais medroso ele é também. Nós notamos isso na empresa. Às vezes, o elemento, ele é muito qualificado, e é novato de casa. Então, ele tem uma coragem de doido. Porque diz: saio dali, me pegam acolá. Agora, se ele não tem qualificação nenhuma, ele acaba temeroso. É o caso de um fura-greve na administração. Quem era o fura-greve? Não é o mais qualificado. É o servente, nas suas limitações. Porque diz: "Poxa, onde que eu vou arrumar emprego como servente para ganhar cem mil cruzados, 120 mil cruzados?" Então essa é a realidade. Então, nós vamos não só preparar politicamente e sindicalmente o operário, dando a ele uma visão do mundo, da sociedade, dos problemas econômicos, dos problemas políticos, sem entrar no partidarismo, lógico, mas também procurando dar cursos técnicos, aperfeiçoamento. Isto até em convênio com a própria empresa, porque interessa também para ela. Nós pretendemos chegar àquilo que eu prego aqui na nossa idéia, ou seja, relações na empresa genuinamente humanas. Ver se a gente consegue, pelo processo de uma empresa estatal, que o engenheiro, que o superintendente consiga entender que ele é também um empregado. A gente pode estabelecer um sistema como se nós vivêssemos numa ilha de socialismo, numa estatal como a

Petrobrás. O que não é fácil, mas também não é difícil de se conseguir. Depende de nós superarmos os problemas democráticos. É isso.

M.Q. — Só mais uma questão que agora o senhor me lembrou. O que é essa questão da privatização. O senhor acha que isso pode ocorrer? Da privatização da Petrobrás?

G.O. — Essa é a grande ameaça. Principalmente nós enfrentamos o homem, porta-voz número um desta ameaça, que é o Maílson da Nóbrega. Ele está pregando a privatização, juntamente com o ministro da área da siderurgia, Cardoso Alves. Estão pregando aberto a privatização. A nossa sorte é que existem, contraditoriamente, no meio militar, algumas correntes que resistem a isso. Para nós será uma tragédia a privatização na Petrobrás. Por isso às vezes a gente é obrigado a fazer certos sacrifícios, para evitar um mal maior que é a privatização. Nós temos que lutar, com todas as forças, para manter e ampliar o monopólio estatal do petróleo. Quer dizer, desenvolver ao máximo a nossa tecnologia nacional para a extração do petróleo nas águas profundas das nossas costas brasileiras. Para descobrir novos veios de petróleo e de gás na Amazônia e por todo o Nordeste. Aperfeiçoar as refinarias para refinar. Dinamizar os sistemas de oleoduto e gasodutos para que rapidinho nós, e a baixo custo, consigamos atingir as grandes cidades. Eu acho, vejo na Petrobrás, independente do aspecto de classe, econômico, sindical, eu vejo uma possibilidade enorme, mas enorme mesmo, dela se transformar num gigante e na principal alavanca do nosso desenvolvimento econômico.

M.Q. — Mas ele já não é? Porque a Petrobrás não é mais a Petrobrás... Ela se diversificou, não é?

G.O. — Ela ainda não é bem. Ela ainda está enfrentando problemas. Ela ainda luta contra uma série de coisas. Não é isso? Mas ela vai chegar a ser isso. Nós, dentro dela, temos que ter o nível e o padrão de vida correspondentes.

M.Q. — Seu Geraldo, ainda uma curiosidade. O senhor defende a presença do Estado em outros setores da economia? Incondicionalmente?

G.O. — Eu defendo a presença do Estado nos setores essenciais. Na educação, na saúde, no transporte, nas riquezas básicas, naturais.

P.R. — E telecomunicações.

G.O. — Telecomunicações eu defendo o Estado. E, até, se nós pudéssemos fazer uma espécie de um... como se diz? Uma holding, não sei se é o nome que se dá, que controlaria todos esses negócios. Por exemplo. Então, nós temos a Portobrás, a Telebrás, a Petrobrás, a Eletrobrás. Atrás disso, um órgão que controlaria tudo isso e que daria toda uma assessoria econômica, política para todas essas empresas. Inclusive para evitar que ocorressem desperdícios, para evitar que houvesse essas defasagens e problemas econômicos de caixas e aqui ou ali, atrapalhando. Eu acho que sim. A siderurgia. Não falei na siderurgia. É. O país é um dos maiores produtores de ferro do mundo, não é isso? Exportamos. Por que é que já não exportamos os lingotes de aço para fora, em grande escala, em vez de jogar vagões do minério de ferro, pelo porto de Tubarão, para ir para os japoneses e até para os americanos. Devíamos mandar já o produto pronto para lá. Quisera eu viver mais vinte anos, para ver o Brasil entre as nações mais

fortes do mundo, não é? Eu acho que você vai viver. Nós vamos viver também, talvez.

P.R. — A gente faz uma força, não é?

G.O. — É. Vamos fazer tudo para viver. Nós não dizemos que viver é a arte de ocupar espaços? Não é? Então, o Brasil está vivendo. E ele vai ocupando os seus espaços no mundo. Não é isso? Então, está aí. Vamos encerrar isso?

M.Q. — Vamos.

P.R. — Então, Silvino, em nome da Fundação Getúlio Vargas e da Petrobrás também, que é a patrocinadora do nosso projeto, nós agradecemos a colaboração que você nos prestou, que foi inestimável, e desejamos também que em outras oportunidades, quando a gente precisar do seu depoimento, que você se coloque à nossa disposição com a mesma boa vontade, com a mesma generosidade com que fez hoje. Muito obrigado, então.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

